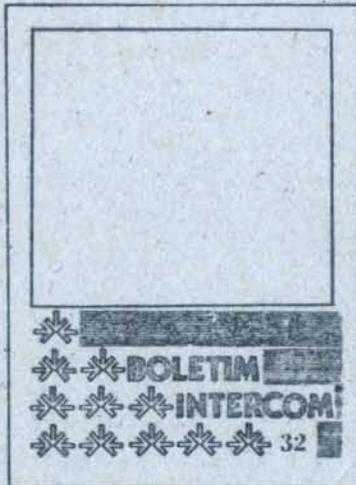
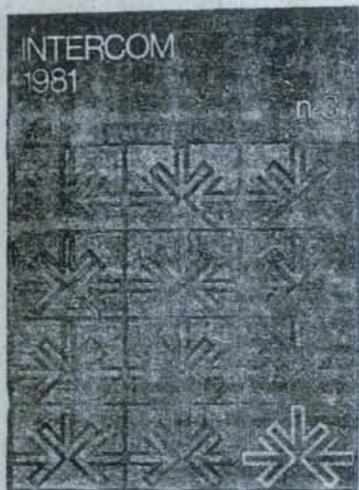


## INTERCOM

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

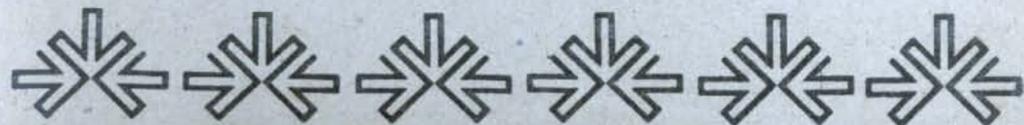


A INTERCOM é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, que reúne pesquisadores da comunicação, de todo o país, interessados em estudos avançados, numa perspectiva interdisciplinar.

Periodicamente, a INTERCOM edita o *Boletim Intercom* (bimestral) e a *Bibliografia Brasileira de Comunicação* (anual). Como resultado dos ciclos anuais de estudos interdisciplinares da comunicação, editou em co-edição com a *Cortez Editora* os seguintes livros: *Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação* (1979), *Comunicação e Classes Subalternas* (1980), *Populismo e Comunicação* (1981), *Comunicação, Hegemonia e Contra-Infomação* (no prelo).

Sede — Rua Augusta, 555 — sobreloja  
São Paulo, SP, CEP 01305 — Brasil

**BOLETIM**   
**36 INTERCOM**



## ÍNDICE

Noticiário da INTERCOM .....	3
Noticiário dos sócios .....	8
Noticiário das Escolas de Comunicação .....	8
Ensino .....	10
Pesquisa .....	15
Veículos .....	17
Profissões .....	29
Censura .....	32
Comunicação internacional .....	35
Tecnologia .....	37
Gente .....	39
Geral .....	39

*Bibliografia Corrente de Comunicação (março/abril 82)*

*encarte*

## Noticiário da INTERCOM

### CRESCE O INTERESSE PELO V CICLO DE ESTUDOS DA INTERCOM

Já está quase concluído o programa do V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que a INTERCOM promove em São Paulo, no período de 3 a 7 de setembro. O volume de sugestões foi muito grande, o que determinou a estruturação de eventos concomitantes ao longo de cada dia.

As atividades previstas estarão assim distribuídas: das 8 às 9,30 — sessões de comunicações coordenadas ou de comunicações livres; das 10 às 12 — mesas redondas; das 14 às 16 — painéis; das 16,30 às 18,30 — simpósios; das 20 às 22 — eventos culturais.

As únicas atividades a serem realizadas com a presença de todos os participantes são os *simpósios*, que deverão dar conta da explicitação dos quatro sub-temas escolhidos: a) Revisão crítica e tendências internacionais da pesquisa em comunicação; b) Impasses e perspectivas da pesquisa em comunicação na América Latina; c) A pesquisa em comunicação no Brasil: repensando a produção das décadas de 60 e 70; d) Desafios emergentes da pesquisa em comunicação: questões políticas e metodológicas. Os painéis e as mesas redondas privilegiarão o sub-tema 3 — avaliação crítica da pesquisa brasileira de comunicação nas décadas de 60 e 70. Por sua vez, as sessões de comunicações coordenadas e de comunicações livres abrirão espaço para o relato e a discussão de pesquisas já realizadas ou em andamento.

Vem impressionando à Comissão Organizadora do Ciclo o grande interesse despertado junto à comunidade acadêmica e profissional. A adesão voluntária mostra-se muito expressiva, sendo também significativa a aceitação dos convites feitos (cerca de 90% dos cientistas consultados concordaram em participar).

No *Boletim Intercom* nº 37 (maio/junho) divulgaremos a programação completa do V Ciclo.

### PARTICIPAÇÃO INTERNACIONAL

Já confirmaram sua participação no V Ciclo de Estudos da INTERCOM os seguintes cientistas estrangeiros: Everett Rogers (diretor do Instituto de Pesquisa da Comunicação da Stanford University — USA), Oswaldo Capriles (diretor do Instituto de Pesquisa da Comunicação da Universidade Central da Venezuela e atual presidente da Associação Latinoamericana de Pesquisa da Comunicação), Maximo Simpson Grinberg (diretor do Centro de Estudos da Comunicação da Universidade Nacional Autônoma do México), Juan Gargurevich (membro da Associação Peruana de Pesquisadores da Comunicação) e Maria Cristina Mata (atual consultora da Associação Latinoamericana de Emissoras Educativas — sediada em Quito, Equador). Vários outros pesquisadores deverão confirmar suas presenças nas próximas semanas.

### PARTICIPAÇÃO NACIONAL

Dentre as instituições nacionais que mantêm programas de pesquisa em comunicação a INTERCOM recebeu as seguintes confirmações: ABI, EMBRAFILME, IBICT, FEPLAM, Fundação Casa de Rui Barbosa, Fundação Cinemateca Brasileira, Cinemateca do MAM-RJ, EMBRAPA, Museu da Imagem e do Som de São Paulo, CELAZER, CNBB, CERIS, CEPEHIB, ILDES, NEMP-ABC, Fundação Pro-Memória, ABEPEC, UCBC, Editora Abril, Editora Jornal do Brasil, Rede Globo de Televisão e inúmeras outras.

No setor acadêmico, foram registradas adesões de docentes e pesquisadores das seguintes entidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade do Vale dos Sinos, PUC de Porto Alegre, Universidade Federal de Santa Maria, Universidade de São Paulo, PUC de São Paulo, PUC de Campinas, Fundação Educacional de Bauru, Faculdade de Comunicação de Santos, Instituto Metodista de Ensino Superior, Universi-



**ANSELMO**

ASSESSORIA E ARTES GRÁFICAS S/C LTDA.

ARTE FINAL • COMPOSIÇÃO • DIAGRAMAÇÃO

• FÓTOLITO • IMPRESSÃO • PARA:

*Livros*

*Jornais*

*Revistas*

*Impressos em Geral*

Já não é mais problema. Anselmo — Assessoria e Artes Gráficas realiza os trabalhos com eficiência e rapidez e com preços sem competidores. Telefone e mandaremos nosso representante

**INTERCOM**

\* NÃO CIRCULA \*

Rua Assahi, 67  
RUDGE RAMOS

Fone: 457-3022  
São Bernardo do Campo - SP.

dade Metodista de Piracicaba, Universidade Federal do Rio de Janeiro, PUC do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Comunicação Helio Alonso, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Católica de Minas Gerais, Universidade Federal de Goiás, Universidade de Brasília, Centro de Estudos Universitários de Brasília, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Alagoas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Católica de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Maranhão e Universidade Federal do Pará.

Participarão das atividades do Ciclo inúmeras personalidades brasileiras, dentre as quais destacam-se: Antonio Houaiss, Maurício Azedo, Carlos Henrique Escobar, Horácio Martins, Alex Vianny, Renato Ortíz, Hugo Assmann, Luiz Beltrão, Sergio Dayrell Porto, Venício Artur de Lima, Eduardo Penuela Canizal, Monica Rector, Antonio Sergio Mendonça, Jerusa Pires Ferreira, Maria Helena Capelatto, Ligia Averbuck, Othon Jambeiro, Ingrid Sarti, Ruth Terra, Roberto Benjamin, José Milton Santos, Teófilo Queiroz Jr., Orjan Olsen, Lywall Salles Filho, Sinval Itacarambi Leão, Ubaldino Dantas Machado, Ezequiel Theodoro da Silva, Carlos Alberto de Medina e outros.

### INSCRIÇÕES

As inscrições para o V Ciclo já estão abertas aos interessados. Tendo em vista o grande interesse despertado e o limite de participantes estabelecido, é recomendável que as inscrições sejam feitas com antecedência.

A taxa de inscrição é de Cr\$ 4.000 (sócios) e Cr\$ 7.000,00 (não-sócios) até o dia 26 de junho. Após essa data, os valores foram fixados em Cr\$ 5.000,00 (sócios) e Cr\$ 8.000,00 (não-sócios).

Para os participantes que pretendam hospedar-se no próprio local do Ciclo (um centro de reuniões situado na periferia de São Paulo), haverá uma taxa adicional de Cr\$... 8.000,00 (até o dia 26 de junho) ou Cr\$ 10.000,00 (após 26 de junho). Essa taxa de hospedagem corresponde ao alojamento e alimentação durante todo o período do Ciclo (quatro diárias completas). O Ciclo será realizado num local distante do centro da cidade, exigindo deslocamento de pelo menos uma hora de carro. Por isso, recomenda-se que os participantes fiquem ali hospedados, dispondo de maior comodidade e ensejando um dos objetivos do Ciclo: aproximar pesquisadores para um contacto mais informal. O local é agradável, os dormitórios arejados e a comida caseira. Trata-se de ambiente simples, mas confortável.

### INTERCOM PARTICIPA DE SEMINÁRIOS LATINO-AMERICANOS

A INTERCOM participou no bimestre março/abril de dois seminários latino-americanos sobre comunicação. Em março, a conselheira Regina Festa, a convite do ILET (Instituto Latino-Americano de Estudos Transnacionais) participou do Seminário sobre Alternativas de Comunicação da Mulher, realizado no México. Em abril, o presidente José Marques de Melo, participou, em Quito, do Seminário Latino-Americano de Jornalistas sobre a NOMIC, a convite da UCLAP (União Católica Latino-Americana de Imprensa).

### PRESEÇA DA INTERCOM NA REUNIÃO ANUAL DA SBPC

Já está definida a participação da INTERCOM na 34ª Reunião Anual da SBPC, a ser realizada em Campinas - SP, no período de 7 a 14 de julho. As atividades a serem ali realizadas foram organizadas pelo Grupo de Estudos "Comunicação, Ciência e Sociedade". São as seguintes as atividades acolhidas pela SBPC: 1) Mesa Redonda sobre "Comunicação e Popularização da Ciência" - Participantes José Marques de Melo - (coordenador), Washington Tadeu de Melo (FENAJ), José Albertino Rodrigues (SBPC) e Celito da Cunha (CNPq) 2) Simpósio sobre "Jornalismo Científico e Transferência de Tecnologia" - Participantes Wilson da Costa Bueno (coordenador) Carlos Eduar

do Lins da Silva (ABDC), Carlos Alberto Adi Vieira (UFSC) e Ubaldino Dantas Machado (EMBRAPA). 3) Informação/Desinformação na Medicina - Homeopatia ou Alopatria? - Participantes: Isaac Epstein (coordenador), Anna Kossak Romanach (Instituto Hahnemanniano do Brasil), Nelson Guimarães Proença (APM - Associação Paulista de Medicina) Otto Guilherme Bier (Fundação Oswaldo Cruz) e Waltencyr Linhares (Associação Paulista de Homeopatia).

### PRESEÇA DA INTERCOM NA II CBE

Realiza-se em Belo Horizonte, no período de 9 a 12 de junho, no campus da Universidade Federal de Minas Gerais, a II Conferência Brasileira de Educação, promovida pela ANDE, CEDES e CEDEC. A INTERCOM participará do evento, organizando um painel sobre "Novas Tecnologias da Educação: Usos e abusos na Escola". Seus componentes serão os sócios: Luis Fernando Santoro (coordenador), J. S. Faro e Helena Gold.

### INTERCOM PARTICIPA DE SEMINÁRIOS EM NATAL E PORTO ALEGRE

Em maio, ocorrerão dois eventos significativos sobre comunicação em nível regional. O Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte organiza a sua *Semana de Comunicação* (período de 4 a 8), com a finalidade de discutir as principais questões emergentes no país. Participará do evento o presidente da INTERCOM, José Marques de Melo, convidado a proferir a conferência de encerramento. A Escola de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul organiza um Ciclo de Debates sobre Ensino de Comunicação, com a finalidade de comemorar o 30º aniversário de fundação do seu Curso de Jornalismo. Representará a INTERCOM no seminário o conselheiro Carlos Eduardo Lins da Silva, convidado a integrar um painel que discutirá as alternativas para o ensino de comunicação no país.

### LICENCIATURA: INTERCOM FAZ PARTE DE COMISSÃO DA SBPC

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC - instituiu uma Comissão para estudar a questão das Licenciaturas no ensino superior brasileiro. A Comissão vem trabalhando há alguns meses, sob a presidência do Prof. Ernest Hamburger, e deverá oferecer sugestões ao MEC para o melhor encaminhamento da regulamentação da matéria. A convite do presidente da Comissão, a INTERCOM tem participado dos trabalhos, inicialmente através do conselheiro José Manuel Morán, e ultimamente representada pela sócia Dora Maria Mourão.

### PRÊMIO GLOBO-PESQUISA: INTERCOM CONVIDADA A INTEGRAR O JÚRI

A INTERCOM foi convidada pela Rede Globo para integrar o Júri que conferirá o Prêmio Mercado Global - Pesquisa de 1981. Trata-se de concurso aberto aos pesquisadores da comunicação, quer do setor profissional, que da área acadêmica, e que se destina a premiar os melhores trabalhos de pesquisa realizados no ano anterior. A presença da INTERCOM se fará através do seu Presidente, Prof. José Marques de Melo.

### PORT-COM ELABORA BIBLIOGRAFIA DE COMUNICAÇÃO/81

Já está em funcionamento o PORT-COM - Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa, órgão complementar da INTERCOM, mantido em colaboração com a Biblioteca Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Os entendimentos para a implantação do órgão foram realizados entre o Presidente da INTERCOM - Prof. José Marques de Melo, o Diretor da ECA-USP - Dr.

Eduardo d'Oliveira França e a Chefe da Biblioteca da ECA-USP – Bibliotecária Maria Christiana da Silva Souza. Na fase preliminar, as duas entidades estão pondo em execução um acordo experimental, cujas prioridades são as seguintes: edição da *Bibliografia Brasileira de Comunicação* nº 4, contendo o inventário da produção editorial brasileira de 1982, e o acompanhamento da documentação publicada em 1982. O projeto contará com ajuda inicial do CNPq, destinada à publicação da "Bibliografia Brasileira de Comunicação". Enquanto isso, continuam os entendimentos com o IBICT – Instituto Brasileiro de Informação sobre Ciências e Tecnologia – com vistas à obtenção de recursos que permitam a recuperação de toda a documentação já publicada em língua portuguesa sobre comunicação social. Os interessados em obter assessoramento bibliográfico do PORT-COM deverão dirigir-se à Caixa Postal 20793 – São Paulo – SP, cep: 01000.

### CADERNOS INTERCOM: O SUCESSO DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES

A nova publicação seriada da INTERCOM, mantida em regime de co-edição com a Cortez Editora, obteve enorme sucesso. As duas primeiras edições dos "CADERNOS INTERCOM" já estão praticamente esgotadas, o que nos anima a prosseguir com o programa. O nº 1, coordenado por Carlos Eduardo Lins da Silva, teve como tema central "Jornalismo Popular", reunindo trabalhos dos sócios: Carlos Eduardo Lins da Silva – Imprensa sindical na América Latina, Jeanne Marie – Jornais de Trabalhadores: campo de debate, campo de combate, e Carlos Alberto de Medina – Notas sobre o trabalho social na imprensa popular. O nº 2, coordenado por José Manuel Morán, reuniu colaborações do próprio coordenador – Contradições e Perspectivas da Televisão Brasileira, e de Sérgio Mattos – O impacto da Revolução de 1964 no desenvolvimento da televisão, Michel Thiollent – Televisão, trabalho e vida cotidiana, Sergio Caparelli – Televisão e mobilização popular, e Moacir Gadoti – A televisão como educador permanente das classes trabalhadoras. A próxima edição será dedicada ao tema – Comunicação Latinoamericana: Reforma/Revolução, devendo reunir trabalhos de José Marques de Melo, Carlos Eduardo Lins da Silva, Regina Festa e Valdir Mengardo.

### ACORDO INTERCOM – REVISTA BRIEFING

A diretoria da INTERCOM decidiu manter um convênio de cooperação com a Editora Logos, responsável pela publicação da revista BRIEFING, periódico especializado em comunicação mercadológica, e que vem mantendo uma linha de análise crítica das relações entre economia e comunicação. A proposta do acordo partiu do editor da revista Luiz Carlos Teixeira de Freitas, tendo se iniciado na edição de fevereiro/março, dedicada ao *Jornal*, e da qual participam os sócios José Marques de Melo e Wilson da Costa Bueno. Essa edição será distribuída a todos os sócios da INTERCOM. A partir da edição de abril, a revista Briefing manterá uma seção fixa, dedicada a análise de livros sobre comunicação recentemente lançados no mercado. Essa seção ficará sob a responsabilidade da INTERCOM, através do sócio Ciro Juvenal Marcondes Filho. Além disso, a revista abrirá espaço para a publicação de estudos sobre comunicação, propostos pelos sócios da INTERCOM, principalmente sínteses de teses ou de pesquisas do interesse da comunidade profissional. Os interessados em ocupar esse espaço deverão entrar em contacto com a diretoria da INTERCOM.

### PERIÓDICOS CIENTÍFICOS FAZEM MENÇÃO À INTERCOM

Três periódicos importantes – do Brasil, México e Estados Unidos – fizeram menções às atividades da INTERCOM. A revista *Ciência e Cultura* (fevereiro de 1982), editada em São Paulo pela SBPC, na seção dedicada a personalidades e instituições, publica extenso registro sobre os Ciclos de Estudos realizados pela nossa Sociedade. A revista *Comunicación e Informática* (outubro de 1981), publicada no México, repro-

duz comentário de Javier Esteinou Madrid (ver Boletim Intercom nº 35, p. 6/7 sobre o IV Ciclo. O *International Communication Bulletin* (abril de 1982, editado pela Divisão de Comunicação Internacional da AEJ – Association for Education in Journalism –, em Maryland (USA), inclui breve registro sobre o V Ciclo, destacando-o como matéria de primeira página.

### ASSEMBLÉIA DOS SÓCIOS DA INTERCOM

Está marcada para o dia 5 de junho, sábado, às 14 horas, na sede da ABI – rua Augusta, 555 – a Assembléia Geral Ordinária dos sócios da INTERCOM. Um dos assuntos da pauta da reunião será a reforma do Estatuto da Sociedade, cujo ante-projeto já foi enviado a todos os sócios. Solicita-se o comparecimento de todo o corpo social, em se tratando de matéria vital para o funcionamento da Sociedade. Outro assunto da pauta é o aumento da anuidade para os sócios que ainda não tiverem feito o pagamento referente a 1982.

### INTERCOM VAI EDITAR LIVRO SOBRE TEMAS BÁSICOS DE COMUNICAÇÃO

A INTERCOM está preparando a edição de um livro sobre "Temas Básicos de Comunicação", destinado a estudantes do curso secundário e vestibulandos. Trata-se de uma obra coletiva que pretende oferecer aos jovens, no momento da sua definição profissional ou da sua opção acadêmica, noções críticas fundamentais sobre a área da Comunicação. A coordenação do livro está a cargo do secretário Roberto Queiroz e a publicação se fará em convênio com a editora Autores Associados. A diretoria já decidiu quais os temas básicos a serem incluídos. Agora, Roberto Queiroz inicia o trabalho de mobilização dos sócios para a redação dos textos. O sucesso desse empreendimento, que é a ao mesmo tempo um projeto de complementação pedagógica e de orientação acadêmica, dependerá naturalmente do empenho e entusiasmo dos sócios participantes.

### CORRESPONDÊNCIA: INTERCOM AGORA TEM CAIXA POSTAL

Tendo em vista algumas dificuldades verificadas na remessa de correspondência para a nossa sede, localizada no prédio da ABI-SP, a diretoria da INTERCOM decidiu alugar uma *Caixa Postal*, para a qual pede que os sócios e outros interessados enviem suas cartas e publicações. O número é 20793 e o código de endereçamento postal é 01000 - São Paulo – SP.

A sede da Sociedade – rua Augusta, 555 – continua a ser utilizada para as reuniões dos Grupos de Estudos e outros eventos.

Os sócios que pretenderem, todavia, entrar em contacto direto com a Diretoria poderão fazê-lo através de Vânia (fone: 457-3733 - ramal 78), no período da tarde.

### ANUIDADE DE 1982

A Tesouraria está mandando comunicado aos sócios que ainda não efetuaram o pagamento de 1982, lembrando que na Assembléia Geral de 5 de junho o valor da contribuição será majorado. Quem quiser se beneficiar da taxa reduzida deve providenciar o pagamento imediato.

Outro lembrete da Tesouraria: só poderão se beneficiar da taxa de sócios durante o V Ciclo aqueles que estiverem com o pagamento em dia.

## Noticiário dos sócios

**PEDRO BRAGA (MA)** — Concluiu a elaboração de um livro de contos — *Morte no Panteon*, cuja primeira edição, em forma xerográfica, é dedicada a Jacques Prevert.

**CELSO PELOSI (SP)** — Iniciou programa de mestrado em Comunicação Científica e Tecnológica junto ao Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior (São Bernardo do Campo).

**SILVIA LUSTIG (SP)** — Passou a integrar o corpo docente do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, ministrando neste semestre curso sobre "Editoração de Livros Infato-Juvenis".

**LUIS FERNANDO SANTORO (SP)** — Foi contratado como professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, ministrando cursos de Jornalismo Cinematográfico, na graduação, e prosseguindo as atividades de pós-graduação que iniciara há dois anos, como docente convidado.

**FRANCISCO ASSIS FERNANDES (SP)** — Aprovado em concurso público realizado pela PUC de Campinas, passou a integrar o corpo docente do Instituto de Artes e Comunicação daquela universidade paulista.

**CICILIA PERUZZO (ES)** — Lançou pela Cortez Editora o livro — *Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista* — edição refundida da tese de mestrado que defendeu no Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior. Participou da banca examinadora da área de RP no concurso público para docentes realizados pela UFES.

**JOSÉ MARQUES DE MELO, ISMAR DE OLIVEIRA SOARES, JOSÉ MILTON SANTOS e ATTILIO HARTMANN** — Participaram, em Quito, do Seminário de Jornalistas Latino-Americanos sobre a NOMIC, realizado no período de 29 de abril a 2 de maio, sob o patrocínio da UCLAP/UNESCO/ADVENIAT.

**JOÃO LUIS VAN TILBURG (RJ)** — Está produzindo, quinzenalmente, comentários críticos sobre telenovela, que a CNBB distribui aos jornais e revistas católicos de todo o país.

**ANA MARIA DE SOUSA CRIPPA (PR)** Foi eleita pelo Conselho Universitário para integrar durante três anos a Comissão Permanente de Pessoal Docente, como representante dos professores auxiliares.

**DORACI FERNANDES (SP)** — Recebeu convite do CIESPAL e da Rádio RNTC da Holanda para participar de curso sobre Jornalismo na cidade Ibarra, Equador, em julho próximo.

## Noticiário das Escolas de Comunicação

**UNB** — O Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília tem novo chefe, desde março. O cargo está sendo ocupado pelo Professor Sergio Dayrell Porto, mestre em comunicação pela Unb e atualmente concluindo o seu doutoramento no Canadá. A nomeação decorreu de um processo de consulta à comunidade acadêmica e da indicação de uma lista ao Reitor da Universidade, que escolheu o nome mais votado. Na sua posse, Sergio Dayrell Porto enfatizou a necessidade de dinamizar os estudos de comunicação na UnB e propôs uma "brasilianização" da comunicação.

**UFRGS** — O Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul está comemorando os 30 anos da sua criação. O evento será marcado através da realização de um Seminário sobre Ensino de Comunicação, programado para a semana de 10 a 14 de maio, e para o qual estão sendo convidados membros do CFE, além de representantes das principais entidades de comunicação existentes no país.

**IMS** — O Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior está lançando o n.º 7 da revista "Comunicação & Sociedade", dedicada ao tema JORNALISMO CIENTÍFICO/JORNALISMO BRASILEIRO. Trata-se de uma edição financiada pelo CNPq, contendo uma análise crítica da prática do jornalismo científico na sociedade brasileira. O lançamento dessa edição faz parte do esforço desenvolvido pelo Mestrado em Comunicação Científica e Tecnológica daquele Instituto para criar uma bibliografia nacional na área do jornalismo científico.

**ECA-USP** — O Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USO realiza em maio uma semana de Editoração, precedida de um curso de extensão universitária a ser ministrado por Antonio Houaiss. O tema geral desses eventos será "Atuação e Formação do Editor". A Semana está sendo organizada pelos professores do Curso de Editoração enquanto área profissional.

**UFSC** — Os alunos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina realizaram uma greve, durante o mês de março, reivindicando melhores condições para o funcionamento do curso, entre as quais a instalação de laboratórios e a melhoria dos equipamentos pedagógicos disponíveis.

**UFRN** — O Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte está realizando em maio a sua Semana de Comunicação, que objetiva proporcionar o encontro dos seus alunos e professores com realidades emergentes no país no campo cultural, político e profissional. Um dos temas a serem debatidos é a pesquisa em comunicação no Brasil.

**PUC-SP** — A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo patrocinara, em outubro, o XI Congresso Brasileiro de Comunicação Social, promovido pela UCBC. Alunos e professores do Curso de Jornalismo estão participando da organização do evento. Sob a sua responsabilidade ficarão a edição de boletins informativos que noticiem o andamento do congresso.

**UNIMEP** — O Curso de Comunicação da Universidade Metodista de Piracicaba tem novo coordenador. Trata-se do Prof. Dermi Azevedo, recentemente contratado por aquela instituição de ensino, e que está dinamizando vários projetos do curso, entre os quais a edição de um jornal comunitário e o lançamento de uma revista nacional de cultura e política.

**UFMG** — O Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais, em convênio com a ABEPEC e o CIESPAL, promove em agosto dois cursos de especialização: um sobre pesquisa e outro sobre planejamento da comunicação. A promoção conta com a colaboração da Universidade Católica de Minas Gerais.

**UFPB** — A Oficina de Comunicação está desenvolvendo inúmeras atividades neste primeiro semestre de 1982. Uma série de cursos de curta duração sobre assuntos como "Imprensa e Ideologia", "Noções Básicas de Fotorjornalismo", "Cultura e Indústria Cultural" e "Análises de Discurso" estão entre elas.

ECA-USP — O Departamento de Biblioteconomia e Documentação está promovendo, em duas fases, com o patrocínio da CAPES, um curso de especialização em Comunicação, Informação e Documentação Biomédica. O curso tem o total de 380 horas/aula e como objetivo propiciar conhecimentos e treinamentos especializados em biblioteconomia aplicados à informação da área de saúde.

## Ensino

### ENSINO DE COMUNICAÇÃO: AS SOLUÇÕES EQUIVOCADAS DO CFE

Confirmam-se, pouco a pouco, as previsões feitas pelo *Boletim Intercom* sobre o alcance das decisões a serem tomadas pela Comissão Especial do Conselho Federal de Educação que estuda a questão dos Cursos de Comunicação do país. Reiteramos que se o caminho da Comissão for uma mudança pura e simples do currículo mínimo nenhuma contribuição haveria para solucionar a crise com que se debate essa área do ensino superior.

Na reunião de março, a Comissão do CFE anunciou algumas medidas preliminares. As entrevistas dadas pelo Prof. Julio Garcia Morejón à imprensa permitem antever que efetivamente a Comissão por ele presidida ao invés de contribuir para minorar as deficiências do ensino de comunicação poderá agravá-las mais ainda.

Duas medidas já foram definidas: 1) A estruturação do curso em dois ciclos distintos — o de formação básica e o de formação especializada; 2) A obrigatoriedade do ensino da Língua Portuguesa durante todo o curso.

São duas medidas profundamente infelizes. Vamos analisá-las.

A divisão didática entre ciclo básico e ciclo profissionalizante é um anacronismo pedagógico. Sua aplicação tem sido responsável pelo esvaziamento dos cursos de comunicação. Ela se fundamenta no princípio da segmentação do saber e da aprendizagem sequenciada. Primeiro, acentua a oposição entre teoria e prática. Segundo, estabelece um encadeamento entre geral e particular. Trata-se de uma proposta que reproduz a velha estrutura dos cursos de comunicação existentes na Europa e que não tem validade para os dias de hoje, dadas as peculiaridades do ensino superior no país. A universidade brasileira atém-se a uma estrutura profissionalizante: seus cursos formam profissionais para atividades específicas. Logo, quem entra num curso superior tem como expectativa imediata o contacto com núcleos do conhecimento daquela atividade escolhida.

No caso de comunicação, praticou-se até agora (apesar do progresso que, nesse sentido, fez a Resolução CFE 3/78) uma política de "miragem": o aluno tem pela frente um conjunto de disciplinas ditas humanísticas que, na verdade, reproduzem o esquema do 2º grau, e só dois anos depois lhe são oferecidos conhecimentos profissionalizantes. Esse encadeamento produz desânimo e traz incertezas, pois a indigestão cultural provocada pelo "bolo humanístico" acentua a redução das incertezas profissionalizantes. Quando entra em contacto com as disciplinas da atividade específica que escolheu, o aluno já está perdido, desorientado e cético.

Ninguém retira a validade do reforço humanístico indispensável ao estudante de comunicação. O que é preciso é que tais disciplinas se articulem com o núcleo essencial do conhecimento específico (o Jornalismo, a Editoração, as Relações Públicas etc) ao longo do processo de aprendizagem. Tomando contacto, desde o primeiro momento, com disciplinas da sua opção profissional, o estudante de comunicação se sentirá motivado e vislumbrará de corpo inteiro a sua atividade de especialização.

O papel das disciplinas humanísticas é o de oferecer sustentação para a prática profissional, o que só ocorrerá se houver um entrosamento efetivo durante o processo de aprendizagem. Do contrário, os dois núcleos permanecerão distanciados, gerando, como tem ocorrido até agora, uma negação do valor da formação humanística, e produzindo expectativas "tecnicistas" que relegam a secundário tudo que não tem a ver com a comunicação.

No caso da Língua Portuguesa, trata-se sem dúvida de questão crucial. É notório a desqualificação dos nossos estudantes universitários (incluindo também os de comunicação) para o manejo da língua nacional. No caso da comunicação, a gravidade avulta-se pela circunstância de ser a Língua Portuguesa instrumental de trabalho básico para os que produzem mensagens culturais. Mas, daí a impor-se a recuperação das deficiências de linguagem dos alunos através de uma disciplina localizada durante os 4 anos do curso, é realmente inconcebível.

A questão comporta duas perspectivas de análise. Inicialmente é preciso notar que o CFE deixa de atacar o cerne da questão: as deficiências no uso da Língua Portuguesa constituem herança da má qualidade do ensino secundário. Logo, a solução é partir para a melhoria daquele ensino. Mas, como persistirão as conseqüências da estrutura atual, poder-se-á contornar o problema no Vestibular. Nesse caso, como a Língua Portuguesa é indispensável a qualquer profissional da comunicação, recomenda-se que o Vestibular tenha um exame específico para essa área, selecionando-se os candidatos melhor qualificados. Como se vê, existem soluções possíveis de serem pensadas sem a necessidade de sobrecarregar o Curso de Comunicação com a ministração de um tipo de conhecimento peculiar ao ensino fundamental.

É claro que o estudante de Comunicação, mesmo manejando bem a Língua Portuguesa, precisa se adestrar melhor para a sua prática, de acordo com as peculiaridades da respectiva profissão. Mas, isso já deixa de ser uma atividade pedagógica do campo da Língua Portuguesa para se converter num domínio específico da comunicação: a linguagem própria de cada meio, de cada profissão. Pretender que esse adestramento ocorra fora do respectivo núcleo profissional é desconhecer a especificidade da Comunicação enquanto campo de atuação social e enquanto objeto de estudo científico.

Então, a solução não é espichar a Língua Portuguesa durante quatro longos anos (o que aliás pode interessar aos graduados em Letras, porque lhes expandiria o mercado de trabalho), mas reforçar a carga horária das disciplinas profissionalizantes que tratam das linguagens específicas.

O perigo da decisão já anunciada pelo CFE no tocante à Língua Portuguesa é o agravamento do elitismo que já caracteriza a produção das mensagens de comunicação no país. O ensino de Língua Portuguesa quase sempre procura reforçar o emprego da norma culta, transformando-a não num ponto de referência, mas num dogma linguístico. O resultado é que a comunicação escrita no país cinge-se à reprodução do discurso das elites, deixando de contemplar o dinamismo da língua praticada cotidianamente pelos maiores contingentes da nossa população. Trata-se de uma comunicação cifrada de acordo com o código das elites, ao qual nem sempre tem acesso as classes subalternas. Como conseqüência disso, marginalizam-se da cultura impressa, da comunicação escrita.

Como se vê, a questão comporta um maior aprofundamento. Não é por decreto que o CFE vai resolver os problemas do ensino de Comunicação no país. O que se espera de uma Comissão dessa natureza é que não fique na superfície do problema, mas o analise de forma profunda, completa e demorada.

A esperança é que, antes de aprovar as medidas de que cogita, o CFE faça uma discussão pública. Exponha suas propostas a toda a comunidade acadêmica e profissional e recolha as reações provocadas. Do contrário, estará se confirmando a prática autoritária da formulação de políticas educativas, apesar da roupagem participativa que possa apresentar. (José Marques de Melo).

### O ENSINO DA COMUNICAÇÃO: UMA QUESTÃO CURRICULAR?

As últimas notícias do Conselho Federal de Educação (CFE) referentes ao ensino de comunicação parecem apontar para uma nova reformulação curricular. Depois de toda a celeuma provocada pela proposta de transformação dos cursos de graduação em

comunicação em pós-graduação, eis que se descobre uma solução aparentemente mágica, mas não muito original, porque já tentada inúmeras vezes e sempre sem sucesso.

A prevalecer essa posição, mais uma vez o CFE terá demonstrado quão distante se encontra do real equacionamento dos problemas da área do ensino superior no país. Essa visão, além de equivocada, não deixa de ser lamentável, uma vez que trará mais problemas do que soluções. A última reforma curricular ainda não se completou quatro anos, o que significa que não se tem uma avaliação das dificuldades e problemas desse currículo. As adaptações a serem feitas com o novo currículo vão exigir das Escolas um esforço suplementar que poderia ser dedicado ao aperfeiçoamento do próprio curso em si.

A constatação de que a escola utiliza diversos recursos pedagógicos, embora seja quase de domínio do senso comum, não parece sensibilizar os membros do CFE e da comissão de estudos por este nomeada. Assim, quando se fala desse assunto somente o currículo é mencionado, deixando de lado a questão dos recursos humanos e materiais. Esses recursos não podem ser vistos separadamente, sob pena de se ter uma visão completamente deturpada da questão educacional. Se não se pode intervir nos outros níveis é ilusão pensar na reforma curricular como um recurso pedagógico que poderia por si levar a uma mudança qualitativa do ensino de comunicação.

Qual o sentido de se falar em um novo currículo sem se tocar no regime de trabalho dos professores, na crônica falta de recursos materiais para instalação e manutenção de laboratórios e estúdios? Se os professores não têm condições de se aperfeiçoarem, de realizarem pesquisas, que conteúdo novo poderão veicular nos cursos? Ora, essa situação permanecerá a mesma, ao se mudar a estrutura curricular, pois não se estará mudando o essencial. Se essa situação já é grave com relação ao ensino geral, ela se torna muito mais séria na área de comunicação, pois sendo um domínio novo de especialização, os poucos cursos de pós-graduação existentes (quatro no nível de mestrado e um no nível de doutorado), todos localizados nas regiões mais desenvolvidas, enfrentam também uma série de dificuldades, como quase todos os cursos de pós-graduação.

Ninguém ignora as profundas mudanças por que tem passado o ensino superior no país. A última etapa da implantação desse novo modelo é a instituição do ensino pago. Essas mudanças vem ocasionando sérios problemas, pois ao transformar o professor universitário em um professor-horista, eliminou-se a possibilidade da pesquisa na Universidade. Ora, não existe possibilidade de um bom ensino onde não existe pesquisa. As escolas particulares, com algumas exceções são antes de mais nada empresas que não têm nenhum motivo para incentivar a pesquisa.

Nessas condições, falhas existentes nos cursos de comunicação são comuns a toda a estrutura universitária do país. Frutos da Reforma Universitária, esses cursos são comuns a toda a estrutura universitária do país. Frutos da Reforma Universitária, esses cursos são contemporâneos da burocratização das Universidades Públicas e da ampliação da rede particular de ensino.

Toda mudança curricular que não leve em consideração os outros recursos pedagógicos será sempre uma forma de escamotear a verdadeira crise porque passa a Universidade brasileira, uma das mais sérias de sua curta história. Nesse sentido, a crise do ensino de comunicação não é uma crise curricular. Seria muito bom se assim fosse, pois mudando os currículos, teríamos um ensino qualitativamente novo no país. A crise é muito mais profunda, pois se refere ao projeto de educação introduzido no país depois do golpe de 1964, com o objetivo de auxiliar na implantação de um novo modelo econômico.

Assim sendo, não se trata de propor medidas isoladas para a melhoria do nível do Ensino de Comunicação, uma vez que suas principais falhas e deficiências estão localizadas no próprio modelo educacional. As respostas para as dificuldades atualmente vivenciadas devem ser remetidas para a discussão sobre o aperfeiçoamento do corpo docente, sobre as verbas para a pesquisa científica, sobre os órgãos laboratoriais e sobre o ensino pago. É somente no contexto desse debate, que se poderia discutir a necessi-

dade ou não de se mudar, no presente momento, o currículo vigente. Desse debate deveriam ser dispensados os curiosos, as pessoas sem qualificação científica ou acadêmica na área, e, como medida de simples bom senso, aquelas contrárias aos cursos. O CFE deve conscientizar-se de que, apesar de todas as dificuldades, o desenvolvimento da teoria e da pesquisa em comunicação no país, assim como o desenvolvimento de uma *praxis* comunicacional, já permite deixar de lado esse tipo insólito de colaboração até agora aceito pelo CFE. Isso é o mínimo que se exige de um órgão que deve contribuir para resolver os problemas educacionais do país e não para agravá-los. (Anamaria Fadul)

## PESQUISA DA PLAYBOY INDICA MELHORES CURSOS DO PAÍS

Numa iniciativa inédita, a revista *Playboy* (Editora Abril) realizou uma ampla pesquisa para avaliar a cotação das instituições de ensino superior no país. A pesquisa foi efetuada por áreas, gerando um grande debate em todo o país, sobretudo porque destacaram universidades até então relegadas a posição secundária no panorama educacional brasileiro. Registre-se que pesquisas dessa natureza são promovidas sistematicamente, em outros países, quase sempre pela própria comunidade acadêmica, que busca aferir a repercussão do seu trabalho junto a toda a sociedade.

No campo da comunicação, a pesquisa de *Playboy* (março/82) apresentou a seguinte classificação:

### Pós-Graduação

- 1 - Instituto Metodista de Ensino Superior  
São Bernardo do Campo - SP
- 2 - Escola de Comunicações e Artes da USP  
São Paulo - SP
- 3 - Universidade de Brasília  
Brasília - DF
- 4 - Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro - RJ
- 5 - Pontifícia Universidade Católica  
São Paulo - SP

### Graduação

- 1 - Escola de Comunicações e Artes da USP - São Paulo
- 2 - Instituto Metodista de Ensino Superior - São Bernardo do Campo - SP
- 3 - Universidade de Brasília - Brasília - DF
- 4 - Universidade Católica de Minas Gerais - Belo Horizonte - MG
- 5 - PUC do Rio Grande do Sul - Porto Alegre - RS
- 6 - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ
- 7 - PUC do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro - RJ
- 8 - Universidade Federal da Bahia - Salvador - BA
- 9 - Universidade do Vale dos Sinos - São Leopoldo - RS
- 10 - Faculdade de Comunicação de Santos - Santos - SP

A pesquisa foi efetuada junto aos profissionais bem sucedidos em oito capitais brasileiras, executivos da área de Recursos Humanos de 40 empresas de grande porte (como Esso, General Motors, Petrobrás) e incluiu também 900 professores e chefes de departamentos de todas as universidades brasileiras. Paralelamente, foram feitos levantamentos de dados junto ao MEC (Secretaria do Ensino Superior - SESU - e Coordenação do Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior - CAPES) e ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - além de verificação sobre as teses produzidas pelos cursos de pós-graduação, participação das universidades em congressos, volume de verbas liberadas pelos órgãos financiadores da pesquisa etc.

A expectativa gerada em torno da pesquisa serviu, além da natural euforia dos alunos e professores das instituições mais cotadas, para suscitar a atenção dos dirigentes universitários em direção à questão da qualidade do ensino. Já não basta mais o peso da tradição institucional para credenciar uma universidade. Da mesma maneira, fica evidente que a projeção de uma escola depende fundamentalmente da sua produção científica. Se os dirigentes universitários perceberem isso já será significativo. Ou seja, a qualidade do ensino não se resume à transmissão do conhecimento na sala de aula, mas envolve também a produção do conhecimento novo, nos laboratórios ou através das pesquisas de campo.

### CATÓLICA DO PARANÁ FECHA CURSO

A Universidade Católica do Paraná extinguiu definitivamente seu curso de Comunicações Sociais. Os últimos professores foram indenizados, já que segundo a versão da Reitoria o MEC não concordou com seu currículo polivalente que formava bacharéis em Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. Assim, fechou o terceiro mais antigo curso de Jornalismo implantado no Brasil.

Em conseqüência, agora, existem somente dois cursos de Comunicações no Paraná: o da Universidade Federal do Paraná, com 20 vagas para cada uma das áreas (Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda) e da Universidade Estadual de Londrina que forma bacharéis em Jornalismo e Relações Públicas, não oferecendo a opção Publicidade e Propaganda.

### COMUNICAÇÃO QUER MAIS AUTONOMIA

Professores e alunos da Universidade Federal do Paraná estão preparando projeto para encaminhar ao Conselho Universitário propondo a criação do Setor de Comunicações e Artes, a nível equivalente às antigas Faculdades da UFPR.

Este novo setor — que visa dar maior autonomia aos cursos da área — englobará os Departamentos de Artes, de Comunicação Social, Biblioteconomia, Turismo e possivelmente o curso de Arquitetura. Nestes Departamentos ficarão agrupados os cursos de Desenho Industrial, Comunicação Visual, Artes Educação Artística, Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Turismo e Arquitetura.

O pedido dos professores e alunos baseia-se no fato da Reitoria ter iniciado a reforma de estrutura da Universidade Federal do Paraná, criando o Setor de Ciências Jurídicas, que engloba os Departamentos onde estão agrupados as disciplinas da antiga Faculdade de Direito.

O novo Setor de Comunicações e Artes, se criado, além de reunir os vários Departamentos de áreas afins, também passaria a englobar órgãos suplementares — já existentes como a Imprensa Universitária e o Centro de Recursos Audiovisuais. Terá condições de ampliar o Jornal — Laboratório dos estudantes de Comunicações para distribuição à coletividade e incrementar a publicação de obras de professores da UFPR.

### DESMENTIDA RESTRIÇÃO ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS

Apesar dos boatos, foi desmentida oficialmente pelo Ministério da Educação e Cultura, através de seu secretário-geral Sérgio Pasqualli, a informação de que o governo tiraria o apoio financeiro que até aqui tem sido dado à pesquisa em Ciências Sociais pelo FINEP. A possibilidade deste corte de verbas (que já são tão poucas) para a pesquisa na área das Ciências Sociais provocou intensa mobilização de diversos órgãos de imprensa de todo o Brasil e reações de insatisfação por parte da comunidade acadêmica. Pasqualli, por sua vez, declarou que o MEC continua interessado na área social, afirmando que "o desenvolvimento é complexo e envolve não apenas o aspecto econômico mas também o político e social" Esperar para crer

### FORMAÇÃO DE JORNALISTA DA NÃO-ALIENAÇÃO

Ocorreu em fevereiro deste ano em Belgrado a primeira reunião da Conferência dos Países Não Alinhados dedicada à questão da formação de jornalistas. Foram indicadas algumas sugestões sobre o objetivo que se definiu como principal nesta área para os países não alinhados: a formação de uma nova geração de jornalistas da não-alienação. Representantes da UNESCO e de agências noticiosas e organizações de rádio-difusão de diversos países participaram do encontro. Segundo a avaliação dos presentes, a promoção foi um sucesso e um passo decisivo para a campanha em favor de uma nova ordem internacional da informação.

### DALMO DALLARI DENUNCIA RESTRIÇÕES À AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA

O professor e jurista Dalmo de Abreu Dallari denunciou, em Belo Horizonte, a violação da autonomia universitária no Brasil, embora o texto legal assegure a essas instituições de ensino a completa independência "didática, científica, administrativa e financeira". Segundo Dallari, a começar pela nomeação dos reitores, as universidades brasileiras sofrem uma intensa influência do poder central. Para o professor, as universidades públicas devem receber da administração todo o apoio financeiro necessário para a manutenção de suas estruturas e desempenho das tarefas que considerar necessária. A definição sobre a aplicação dos recursos, no entanto, não deve ter nenhuma influência do poder central: "O governo deve apenas garantir os recursos, deixando à universidade a liberdade de decidir sobre sua melhor aplicação". As afirmações de Dalmo Dallari foram feitas durante o simpósio sobre a Universidade brasileira, promovido pela Associação dos Docentes da UFMG. Antes de sua palestra, em entrevista à imprensa, o professor disse: "as autonomias didáticas e financeira se completam, porque é falso conceber formalmente a autonomia didática e científica sem assegurar os recursos suficientes". No Brasil de hoje, conforme Dallari, "parece mais fácil obter a autonomia didática e científica formal", pois enquanto as atitudes do ministério e dos reitores revelam "claramente o propósito de assegurar a efetiva autonomia universitária, a política educacional do governo continua dependente da econômica". (ESP. 17/4).

### PÓS-GRADUAÇÃO PREOCUPA O MEC

O ministério da Educação e Cultura está preocupado com a chamada "educação de 4º grau" (pós-graduação) e, em razão disso, pretende formular uma política para o setor com execução prevista para 1983. A informação foi dada em Brasília por Sérgio Pasqualli, secretário-geral do MEC, para quem a pós-graduação deve ser objeto de um planejamento racional e ordenado: "os órgãos do MEC e da SEPLAN que atuam na pós-graduação devem funcionar como um conjunto, sem superposição de ações". Para o funcionário do Ministério, os estudos a respeito levarão algum tempo, tendo em vista que serão avaliados em profundidade os mais de 1000 cursos de pós-graduação existentes no país, e analisadas tecnicamente as suas atividades no desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica. Ao que se informa, as análises envolverão questões como a qualidade dos cursos; se eles se justificam ou não; como são financiados e qual a participação de cada agência financiadora.

### Pesquisa

### O PAPEL DO JORNAL EXAMINADO EM PESQUISA

O Departamento de Pesquisa de Mídia da agência publicitária MPM realizou entre agosto e novembro de 1981 uma ampla pesquisa sobre o consumo de jornal, com o objetivo de abordar o seu papel na realidade de informação atual do indivíduo e a for-

ma pela qual os anúncios são percebidos neste meio. Foram feitas entrevistas individuais segundo roteiro não diretivo com leitores, editores e redatores-chefes dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e *Folha de S. Paulo*. Entre as conclusões a que se chegou: o hábito de leitura de jornal é visto como forma de diferenciação e integração participativa, percebida menos como entretenimento e passatempo; as pessoas que consomem jornal acreditam estar, com ele, aumentando seu senso crítico em relação à sociedade; aos domingos, o jornal é tido como mais interessante, substancial; a leitura de jornal, isoladamente, não diferencia as pessoas, mas reflete uma mentalidade, pois segundo a pesquisa, ler jornal tem uma conotação para as pessoas de ser um ato que reflete uma postura mais consciente em relação à realidade por parte de quem o pratica; comparando-se jornal com tv, as pessoas tendem a considerar o jornal como mais reflexivo, analítico, formador, crítico. (*Tempo e Espaço*, nº 38, fevereiro 1982).

### A TV NO CAMPO

Uma equipe de sete pesquisadores da agência Standard, Ogilvy e Mather sob chefia da socióloga Clarice Herzog realizou em setembro e outubro de 1981 em pequenas cidades do interior de São Paulo uma pesquisa sobre a convivência entre o público do campo e a televisão. O trabalho—intitulado *Coisas da Roça*—veio a público na primeira semana de abril e mereceu elogios do crítico Luís Weis, da revista *Isto é* (7/4/82). Segundo ele, “fértil em citações dos entrevistados em sua peculiar linguagem, e livre da enxurrada de gráficos, tabelas e porcentagens que costuma alugar trabalhos do gênero, a pesquisa tampouco verga ao peso de conclusões ambiciosas. Abre, em compensação, acessos diretos ao ainda desconhecido território do comportamento do homem rural perante a televisão. Numerosas pistas sugerem, por exemplo, que a TV quase sempre pega mal no campo—ou seja, está longe de desencadear a revolução embutida na teoria do “impacto devastador” da televisão sobre os usos e costumes tradicionais. Na verdade, a atitude dos agricultores—assalariados ou pequenos proprietários, tanto faz—em frente da TV é paradoxal”.

### ENCONTRO DE PESQUISADORES DE MÚSICA

Com a presença de 220 participantes de todo o Brasil, realizou-se no Rio de Janeiro em abril um encontro da Associação dos Pesquisadores da Música Popular Brasileira. Cerca de 23 teses e comunicações foram discutidas, abordando assuntos desde o folclore até biografias de grandes nomes da MPB, como Ismael Silva. Intensa polémica travou-se quando José Ramos Tinhorão apresentou suas idéias contrárias à participação dos cientistas sociais nas pesquisas sobre MPB, pois eles têm abusado de “um excessivo aparato teórico, não contribuindo para a compreensão do fenômeno, servindo apenas para uma demonstração de brilho fácil, uma espécie de glossolália academizante, ou um blá - blá - blá de falsa ciência”. Tinhorão atacou especialmente obras recentes sobre manifestações culturais populares urbanas no Brasil, mas foi contestado por grande parte dos presentes, que o consideraram “populista, demagógico e obscurantista”. Ao final do encontro, foi eleito o novo presidente da Associação: Zuza Homem de Melo. (*JB*, 22/4/82).

### FRANCE-PRESS PESQUISA TV NA AMÉRICA LATINA

A Agência France-Press, através de seus correspondentes em quase todos os países da América Latina, resolveu fazer uma pesquisa para dar a seus clientes europeus uma idéia da utilização deste meio em nosso continente. Os resultados foram divulgados pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em sua edição de 8 de abril de 1982. A metodologia utilizada não foi explicitada. Entre as conclusões, estão os telespectadores da América La-

tina querem, antes de mais nada, distração quando se recolhem ao mundo doméstico da televisão; a programação é dominada por telenovelas, teleteatros, filmes; a presença americana é muito grande, embora haja o que se chama de “um gosto nacionalista”; as pessoas da América Latina e da Europa têm comportamentos bastante parecidos em relação à televisão, apesar de algumas preferências muito específicas, como, por exemplo, pela telenovela, gênero praticamente desconhecido na Europa. O Brasil é citado como um dos países que mais têm desenvolvido uma programação nacionalista.

### 12000 PESQUISADORES NO BRASIL

Segundo levantamento feito pelo CNPq, o Brasil tem atualmente 12058 pesquisadores trabalhando em diferentes graus de dedicação nas diversas áreas do conhecimento. A maior parte trabalha em universidades e em tempo parcial. Nas Ciências Sociais estão 25% dos pesquisadores, na área de Saúde 24,2%, na de Engenharia, 18,7%, nas Ciências Agrárias 17,7% e nas Exatas 14,4%. Na região Sudeste estão 67,2% dos pesquisadores, no Nordeste, 15,1%, no Sul 14%, no Norte 2,5% e no Centro-Oeste 1,2%. Em nível de doutorado, São Paulo e Rio de Janeiro juntos respondem por 70% do contingente.

### MEMÓRIA DA TELENVELA

Foi lançado no final de março o livro *Memória da Telenovela Brasileira*, de autoria de Ismael Fernandes. Trata-se de interessante trabalho de documentação sobre as telenovelas no Brasil em todo o decorrer de sua história. Obra de referência importante para os pesquisadores da área de Comunicação, o trabalho de Fernandes é correto do ponto de vista documental e auxilia enormemente a construção de uma teoria da telenovela, tão necessária, dado o enorme poder de influência que este gênero de ficção possui no Brasil contemporâneo.

### CNPq TEM NOVO SUPERINTENDENTE

A Superintendência de Desenvolvimento Científico da Diretoria de Fomento do CNPq tem novo titular a partir do final de março: trata-se de Manuel Marcos Maciel Formiga, que assumiu o posto no lugar de Alberto de Carvalho Peixoto de Azevedo. O professor Formiga, ao assumir sua nova função, reiterou seu compromisso de “dar continuidade à política de estreito relacionamento com a comunidade científica e todas as instituições de pesquisa e ensino do país que a representam”.

### Veículos

### O GLOBO AVANÇA CONTRA JORNAIS COMUNITÁRIOS

No início do mês de abril, o jornal *O Globo* iniciou uma das mais arrojadas experiências editoriais observadas na chamada “grande imprensa” nos últimos anos neste País: passou a editar nas terças-feiras o suplemento *O Globo Tijuca* e nas quartas *O Globo Méier*, cada um deles circulando especificamente nas bancas daqueles bairros e nos exemplares dos assinantes moradores naqueles bairros e tratando exclusivamente de assuntos relativos a eles. Logo depois, foi lançado nas quintas-feiras *O Globo Barra* e estão previstos para breve *O Globo Copacabana—Leme—Urca*, *O Globo Ipanema—Leblon—Lagoa—Jardim Botânico—Gávea*, *O Globo Botafogo—Flamengo—Laranjeiras* e outros. O sucesso da iniciativa, em termos de negócios, foi absoluto. O jornal aumentou sua tiragem nos bairros alcançados pelos suplementos, o número de anúncios dos negociantes de cada uma das áreas foi dos mais expressivos e os leitores daquelas re-

giões sentiram-se satisfeitos. A repercussão foi muito grande e muito bem explorada pelas organizações do Grupo Globo: o governador do Rio de Janeiro, diversos deputados federais e estaduais, associações comerciais de vários Estados, entidades empresariais, todos saudaram a iniciativa com entusiasmo e o Globo e a Rede Globo não se fizeram de rogados em registrar os aplausos. Quem não está gostando nada da história são os grupos de jornalistas ou associações de moradores que editavam jornais comunitários nos bairros agora atingidos pelo suplemento de *O Globo*. É evidente que eles não terão condições de enfrentar a concorrência. Com todo o aparato tecnológico e a infraestrutura empresarial de *O Globo*, mais o peso comercial do jornal, seu suplemento de bairro", sendo também preferido a estes pelos empresários dos bairros ao destinarem sua verba publicitária. Assim, no Rio de Janeiro, começa a se esvaziar uma das formas de jornalismo que mais tem crescido no Brasil nos últimos quinze anos: o jornalismo dito comunitário urbano. Serão especialmente afetados os jornais que não têm uma linha política muito definida, mas que apenas tentavam oferecer um serviço aos moradores dos bairros em troca de publicidade. Para estes, não haverá salvação, pois concorrerão contra um inimigo muito mais poderoso no campo do adversário. Já para os jornais comunitários com direção política, embora a ameaça dos suplementos do *Globo* também constitua ameaça, será mais fácil reagir e até manter seus leitores. Pois muitos deles tentam praticar o verdadeiro jornalismo comunitário, caracterizado pelo acesso dos leitores ao processo de decisão dos jornais, o qual os leitores de *O Globo* jamais terão. Assim, em função de diferenças políticas muito claras, poderá acontecer a resistência dos jornais comunitários à investida de *O Globo*, embora ela não seja uma tarefa das mais simples. Em todo o caso, se deve ser admirada a qualidade empresarial da iniciativa de *O Globo*, não deve deixar de ser lamentado o impacto que ela está tendo sobre os jornais comunitários, politizados ou não. Eles são uma saudável expressão da imprensa brasileira que, pelo menos no Rio de Janeiro, está ameaçada em sua sobrevivência.

## JB TENTA REAGIR COM NOVOS SUPLEMENTOS

Na briga pelo leitor carioca, enquanto *O Globo* partia em direção aos bairros, o *Jornal do Brasil* ampliava sua linha de alternativas para o público em geral, criando novos suplementos de interesses específicos. O primeiro foi o *TV*, circulando aos domingos desde o dia 7 de março último. Trata-se de uma investida no setor em que *O Globo* é mais forte, mas em que, ao mesmo tempo, apresenta grandes defeitos. Até março, só *O Globo* tinha um suplemento de televisão, baseado na evidente facilidade e exclusividade de informações relativas à absoluta campeã de audiência, a Rede Globo. Assim, os finais das novelas, os bastidores da tv, as melhores fotos, as novidades da programação da Globo sempre saíram com privilégio no suplemento do jornal co-irmão. Mas exatamente essa relação íntima entre jornal e tv do mesmo grupo é que acabou enfraquecendo a qualidade editorial do suplemento de *O Globo* e criando espaço para a penetração do concorrente, aliás muito bem aproveitado pelo *JB*. Como destavaca a publicidade que anunciou o lançamento do *TV*, trata-se de "um caderno de tv que pega em todos os canais", numa óbvia alusão à condição de "grande press-release" da Rede Globo em que estava se transformando o caderno de tv de *O Globo*. De fato, bem cuidado, usando muito as pesquisas do IBOPE, dando espaço ao leitor para o exercício do "media-criticism", com diagramação mais ágil que o do seu concorrente, o novo suplemento do *JB* supera com grande vantagem o do *Globo*. Mas não ficaram aí as novidades do *JB* na sua linha de suplementos: às quintas-feiras passou a circular o suplemento *Comida*, com indicações sobre como comer melhor e gastar menos, orientações culinárias, comparação de preços entre vários supermercados, crítica de restaurantes, receitas e demais informações gastronômicas. O suplemento que antes circulava às quintas, o que trata de casa e decoração, passou para os sábados, desalojando o suplemento de livros para

domingo. O já combatido suplemento literário, que estava emagrecendo em número de páginas há dois anos, perdeu mais uma página e acabou virando mero apêndice do suplemento de matérias especiais dominicais do *JB* (este, enriquecido pela página *Leitor Especial*, em que contribuições dos leitores recebem tratamento editorial da melhor qualidade, requinte, transformando-se em artigos, muitos deles da melhor qualidade). Além dos novos, o *JB* manteve seus outros suplementos: *Diversões* (nas 6ªs), *Esportes* (nas 2ªs), *Turismo* (nas 4ªs) e *Automóveis* (nas 3ªs).

## FOLHA TEM SUPLEMENTO FEMININO

A *Folha de S. Paulo* tenta, de quando em quando, reformar alguns aspectos de sua linha editorial, mas raramente com êxito ultimamente, pois há evidentes contradições em muitos dos projetos que vem realizando. Por exemplo, seu suplemento *Mulher*, editado nos domingos, desde o dia 11 de abril. A confusão já começa com o expediente, em que nenhuma outra indicação é dada além do nome da editora, Sheila Lobato. Esperava-se que o concorrente do *Estadão*, quando lançasse um suplemento para mulheres, o diferenciasse substancialmente do conservador (por vezes anacrônico) *Suplemento Feminino*, que há anos acompanha as edições dominicais do jornal dos Mesquitas. Mas não. *Mulher*, apesar das boas intenções do primeiro editorial ("não será um suplemento feminino no sentido pejorativo do termo") e da presença de Martha Suplicy, reproduz os valores antiquados e sexistas da grande maioria das publicações destinadas às mulheres no Brasil. A seção "racionalização de serviços", no primeiro número, é um exemplo disso: ajuda a mulher a dividir suas tarefas domésticas (todos os dias faça o café da manhã, compre o pão, ponha a mesa, tire a mesa, lave, enxugue e guarde a louça, às segundas lave a roupa grande, na terça lave a roupa miúda, na quarta limpe os vidros do quarto, na quinta passe toda a roupa e assim por diante), sem em nenhum momento cogitar da divisão dos serviços domésticos com o marido. Beleza, moda, receitas, orientação educacional, tudo repete o mesmo velho esquema das tarefas femininas. Nada, além de Marta Suplicy, que inidique a presença da mulher no mundo extra-lar. Para a *Folha*, a mulher continua sendo "a rainha do lar". *Mulher* é tão parecido com o *Suplemento Feminino* que até a diagramação dos dois é semelhante. Outra estranha novidade na linha editorial da *Folha* é a adoção de uma injustificável "súmula" para cada editoria do jornal. Ora, se há algum sentido em um sumário na primeira página do jornal, para ajudar o leitor a localizar o material no espaço da publicação, ela é absolutamente desnecessária em editorias que, muitas vezes, ocupam apenas uma página. Mas nem tudo são erros nas propostas da *Folha*. Corajosa e louvável em todos os sentidos é a seção "Palanque", em que diariamente os cinco partidos políticos, através de seus líderes, são convocados a opinarem sobre assuntos relevantes da atualidade. Trata-se de uma iniciativa que ajuda a situar os eleitores e os cidadãos diante das posições políticas dos grupos que disputam o poder político no País e uma tribuna para que estes grupos possam manifestar livremente o seu pensamento.

## AS NOVIDADES NA IMPRENSA PARTIDÁRIA

O Partido dos Trabalhadores transformou-se no primeiro partido legal a ter seu próprio jornal oficial. Trata-se do *Jornal dos Trabalhadores*, quinzenal, tamanho "standard" oito páginas, tiragem inicial de 20 000 exemplares, distribuição nacional em bancas e por venda direta dos militantes do Partido. Seu editor-chefe é Perseu Abramo, veterano e respeitado jornalista com passagens por algumas das mais importantes redações do País. O projeto gráfico é do consagrado artista Elifas Andreatto. E uma imensa equipe de competentes profissionais do jornalismo que simpatiza e milita no PT ajuda a fazer o jornal. Com muitas dificuldades, especialmente de ordem financeira, o *Jornal dos Trabalhadores* cumpriu seu primeiro grande desafio: chegou às ruas. Ainda é cedo para uma avaliação de seu êxito ou fracasso. Seu grande objetivo é ajudar o PT em sua ta-

refa de organização dos trabalhadores e a proposta editorial está sendo testada para se avaliar sua real capacidade de penetração fora dos quadros partidários. A assinatura anual custa Cr\$ 1.000,00 e pode ser solicitada à Travessa Brigadeiro Luiz Antonio, 145, CEP 01318, São Paulo, SP. A outra novidade na imprensa partidária no último bi-parasemanal. Mudou também sua linha gráfica, que agora faz mais uso de cores (o jornal às vezes sai em verde, às vezes em azul, ajudando a destacá-lo nas bancas, em meio ao grande número de jornais alternativos que estão usando a cor vermelha).

## MAIS REVISTAS NAS BANCAS

Cinco novos títulos de revistas estão nas bancas. *Ciência Ilustrada*, da Editora Abril, que havia lançado um número experimental no final do ano passado, volta ao público, embora sua periodicidade ainda não pareça definida. Sérgio Pompeu, seu editor, na apresentação do segundo número, mostrou-se eufórico com o resultado da pesquisa por questionários promovida pela edição experimental: de acordo com ele, 6 mil pessoas responderam a extensa lista de perguntas, num índice efetivamente impressionante. Contudo, a qualidade da revista não pareceu substancialmente alterada: continua traduzindo artigos estrangeiros e desconhecendo solenemente a produção científica nacional. A revista *Cineasta*, editada pela Associação Paulista e pela Associação Brasileira de Cineastas, veio à luz no final de março. O número zero circulou com matérias sobre o Festival do Novo Cinema Latino-Americano, realizado em Cuba, entrevistas com diversos diretores de cinema e um ensaio sobre o problema da exibição de filmes no Brasil. Uma revista política para a análise dos grandes temas internacionais: esta é a proposta de *Perspectiva Internacional*, revista da Editora Aparte que vai concorrer na faixa dos *Cadernos do Terceiro Mundo*. Seu primeiro número trata especialmente da América Central e da crise na Polônia, com artigos de Ernest Mandel, Daniel Bensaid, Michael Lowy, Andre Gunder Frank, Sérgio Rodrigues e outros. Para os amantes da música sertaneja, a Editora Abril está lançando *Som do Sertão*, com tiragem de 100 mil exemplares e periodicidade semanal. E o antigo jornal *Transe* transformou-se em revista do mesmo nome a partir de março. Bem cuidada graficamente, disputa o mercado dos que "curtem o corpo e a natureza". Caetano Veloso está na capa do primeiro número da nova fase da publicação, em que se destacam matérias sobre biodança, medicina naturista, odontologia natural, Wilhelm Reich e Rajnesh. Revista que não é nova mas mudou de periodicidade é *Senhor* que, desde a saída de Mino Carta de *Isto É* passou a contar com a colaboração deste jornalista. E os efeitos desta colaboração já se fazem sentir na sensível melhoria da qualidade editorial da publicação, que passou de quinzenal para semanal. Diagramação sóbria, papel sofisticado, artigos de fundo de qualidade, colaboradores de bom nível, mais o suplemento da edição brasileira de *The Economist* fazem de *Senhor* um projeto editorial atraente que pode, em breve, atingir outros setores do público além dos executivos aos quais é preferencialmente dirigida.

## A NOVA ESCALADA DO PRAZER

Antecedendo em algumas semanas à onda de censura moralista e política (ver a seção *Censura*) e talvez até ajudando a explicá-la, as bancas de jornais e revistas brasileiras assistiram a partir do Carnaval uma verdadeira escalada do prazer na forma de publicações novas ou especiais dedicadas à exploração das fotos de mulheres e homens em trajes sumários ou completamente despidos. Logo após o Carnaval, quase todas as revistas masculinas (exceto as dedicadas às classes médias altas) tiraram edições especiais sobre os quatro dias de folia, a exemplo do que fez o jornal *Repórter* provisoria-

mente ressuscitado para aproveitar a animação momesca e depois novamente sepultado. Além deles, também edições especiais, como o *Jornal do Carnaval* usaram e abusaram das loucuras carnavalescas. Em seguida, sucederam-se diversos novos títulos de revistas eróticas e/ou pornográficas, a maioria das quais de baixa qualidade gráfica e artística, editorialmente muito pobres e explorando o bizarro e inusitado: *Club Internacional*, *Winner*, *Fotocolor*, *OK*, a primeira das quais particularmente bem sucedida em termos de vendagem em função da exibição do grotesco sexual. Se a qualidade de todas essas revistas deixa muito a desejar, isto não pode ser, por outro lado, como pretendem alguns, justificativa para a onda de repressão que se seguiu em nome da defesa dos bons costumes ou da segurança nacional, como ocorreu nos meses de março e abril, como será analisado mais adiante por este Boletim.

## VALE DO PARAÍBA PERDE JORNAIS

Muitas baixas na imprensa de interior, principalmente na região do Vale do Paraíba: seis jornais (dois de Aparecida do Norte, três de Guaratinguetá e um de Lorena), todos semanários, deixaram de circular nos últimos meses, segundo a *Folha de S. Paulo* (26/3/82). O motivo, evidentemente, é a crise econômica. Só se pode lamentar o longo e vagaroso extermínio da imprensa de interior no Brasil, forçado pela monopolização do capital que também se manifesta na indústria jornalística. Menos mercado de trabalho, menos diversidade de idéias, menos atendimento às necessidades de informação das populações das cidades menores são algumas das resultantes deste extermínio, muito embora a maioria dos jornais do Interior estejam longe de prestarem serviços de excelência jornalística a seus leitores.

## JORNAIS ACUSADOS DE DIMINUIREM MULTIDÕES

No dia 22 de março, conforme os grandes jornais brasileiros publicaram no dia seguinte, o porta-voz da Presidência da República, ministro Carlos Átila, mostrou-se inconformado com o que ele classifica de "infidelidade" com que a imprensa retrata as concentrações das quais participa o presidente Figueiredo. Para ele, os jornais reduzem sistematicamente o número de pessoas presentes àqueles acontecimentos. Átila citou como exemplo manifestação ocorrida na favela de Brasília Teimosa, em Recife, quando vinte mil pessoas teriam se concentrado para ouvir Figueiredo, apesar dos jornais terem anunciado apenas cinco mil. Exatamente um mês depois das queixas de Átila, seria a vez do Partido dos Trabalhadores reclamar por procedimento similar, só que não de todos os jornais, apenas da *Folha de S. Paulo*. No dia 22 de abril, de fato, a *Folha* foi o único jornal a avaliar a multidão que comparecera na véspera ao comício de lançamento da candidatura de Luiz Inácio da Silva ao Governo do Estado de São Paulo em "pouco mais de 5000 pessoas". Todos os demais, inclusive *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, a Rede Globo de Televisão e vários rádios, calcularam entre 12 a 20 mil o número de presentes ao acontecimento. O episódio acabou provocando amarga troca de acusações na página três da própria *Folha* entre o economista Francisco de Oliveira, membro da direção nacional do PT, e Octávio Frias Filho, membro do conselho editorial da *Folha*. Aliás, este não foi o único episódio controvertido da cobertura da *Folha* ao comício de Lula. A presença no palanque, a convite do candidato petista, do jornalista Júlio de Mesquita Neto, presidente de *O Estado de S. Paulo*, resultou em matérias desproporcionalmente grandes e espalhafatosas na *Folha*, que provavelmente julgou constranger Mesquita e o PT por divulgar a presença de um no comício de outro. Objetivo frustrado, uma vez que, apesar do escândalo da *Folha*, ninguém

mais pareceu dar atenção ao fato perfeitamente natural de um cidadão conservador assistir a um comício de um partido que defende posições de esquerda. O episódio só serviu para demonstrar mais uma vez a pequenez com que frequentemente se comporta a *Folha* em questões políticas e o provincianismo e complexo de inferioridade com que ela encara sua concorrência com o *Estado*. (Carlos Eduardo Lins da Silva).

### O SEMPRE DEMONSTRÁVEL CARÁTER CLASSISTA DA IMPRENSA

Nos momentos de conflito é que fica mais fácil perceber sem retoques o caráter classista da "grande imprensa" que se pretende neutra. Como já está razoavelmente demonstrado em ensaios e alguns livros, é quando as contradições entre patrões e empregados se acirram e acabam em ação violenta que os jornais deixam cair sua máscara de imparcialidade e se colocam nitidamente ao lado daqueles e contra estes. Foi o que ocorreu, mais uma vez, na cobertura dos grandes jornais ao episódio dos protestos dos trabalhadores da Coferraz, em abril último. Sem receber seus salários há mais de um mês, em situação que nem mesmo a Justiça do Trabalho os considera culpados por fazerem greve, os operários da Coferraz foram avisados de que, afinal, receberiam o pagamento no dia 6 de abril. Assim, dirigiram-se à empresa. Mas, ali chegando, foram informados de que não haveria pagamento. Revoltados, passaram a depredar as instalações da fábrica. A polícia foi chamada, houve repressão violenta e dezenas de pessoas saíram feridas. Todos os jornais em suas manchetes e títulos e no enfoque de suas reportagens deram prioridade à depredação dos funcionários da Coferraz e justificavam, implicitamente, o recurso à violência policial utilizado pelos patrões. Nenhum deles mencionou no título a justeza das reivindicações dos trabalhadores nem o abusivo desrespeito à lei dos empresários. A aparência para o leitor menos atento é que os metalúrgicos é que provocaram os incidentes e que eles não sabem se reunir com ordem, como indicam as chamadas de primeira página, por exemplo, do *Jornal do Brasil* ("Assembléia na Coferraz acaba em depredação") e do *Estado de S. Paulo* ("Operários depredam Coferraz: 22 feridos"). Nenhum título foi parecido com: "Falta de pagamento provoca 22 feridos". Ou: "Patrões fazem empregados passar fome resultando em violência". Nunca foi tão fácil perceber de que lado estão os grandes jornais.

### FALTA MATERIAL NO HP

Apesar de ser o "órgão oficial do povo brasileiro", o *Hora do Povo*, que devido à sua pretensa condição deveria estar com grande variedade de assuntos, parece estar com falta de material. Em suas edições números 120 e 121 (de março), duas matérias idênticas são repetidas (uma com o título "Veja, se espremer sai sangue" e outra "PT alivia até Maluf para atacar a oposição"), na mesma página, apenas em posições diferentes na diagramação. Trata-se de uma falha injustificável do ponto de vista jornalístico que, se não representa falta de matérias, sem dúvida demonstra a baixa qualidade editorial com que o jornal tem sido produzido.

### O DEBATE QUE NÃO HOUE

O debate que abriu a atual safra de duelos políticos no Brasil teve uma peculiaridade de que certamente o diferenciará substancialmente dos demais: não ocorreu. Promovido pela *Folha de S. Paulo*, ele deveria reunir o governador de São Paulo, Paulo Salim Maluf e o candidato do PMDB ao governo daquele Estado, senador Franco Mantoro

## BIBLIOGRAFIA CORRENTE DA COMUNICAÇÃO

Nº 32 (março/abril/1982)

Editor: José Marques de Melo  
Colaboração: Tereza Lucia Halliday

Publicação editada pelo PORT-COM – Centro de Documentação da Comunicação nos Países de Língua Portuguesa – órgão complementar da INTERCOM, mantido em colaboração com a Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da USP – Endereço para correspondência: Caixa Postal 20793 – São Paulo – SP

### 1. Obras gerais

ANDE – *I Conferência Brasileira de Educação – Anais*. São Paulo, Cortez Editora, 1981.

Coletânea dos principais trabalhos apresentados ao encontro nacional de educadores, promovido em São Paulo, em 1980, pela ANDE/ANPED/CEDEC e CEDES. As contribuições estão reunidas nos seguintes temas: política educacional do governo/ ensino de 1º grau/ ensino de 2º grau/ ensino superior /educação popular / outros temas. Há uma seção dedicada a meios de comunicação de massa e educação.

PEIXOTO, Fernando, org. – *Encontro de Intelectuais pela Soberania dos Povos de Nossa América*. São Paulo, Hucitec, 1982

Coletânea de estudos debatidos em Cuba, em 1981, durante encontro de intelectuais de todo o continente. Alguns trabalhos interessam particularmente aos estudiosos da comunicação – Miguel Rojas Mix (Arte de resistência na América Latina), Argemiro Ferreira (A dependência informativa do Terceiro Mundo e o papel do jornalista brasileiro), Néstor Garcia Canclini (Para que serve a cultura quando fazemos – ou não podemos fazer – a Revolução).

TIMERMAN, Jacobo – *Presioneiro sem nome, cela sem número*. Rio de Janeiro, Codecri, 1982

Depoimento do diretor do jornal argentino *La Opinión*, relatando suas memórias do cárcere, e destacando a ação desenvolvida por aquele jornal na defesa dos desaparecidos e perseguidos políticos. Trata-se de documento impressionante sobre a tortura política na Argentina e sobre a perseguição movida particularmente contra jornalistas, judeus e psiquiatras.

SANTOS, Laymert Garcia dos – *Desregulagens*. São Paulo, Brasiliense, 1981

Análise sistêmica do Projeto Saci/Exerni, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, com a finalidade de lançar um programa de educação através de satélite artificial de comunicação

## 2. Teoria

ESPARZA OTEO, Luiz — *Los aparatos de difusión de masas en la História del Capitalismo*. México, TICON, 1979

"Este trabalho pretende apresentar os aparatos de comunicação de massa em relação com a acumulação de capital, como uma das instâncias da estrutura capitalista que seguiu seu desenvolvimento como parte inseparável e interrelacionada"

LENGYEL, Peter, org. — *Dilemas de la comunicación: tecnología contra comunidad?*. Paris, UNESCO, 1980

Coletânea de estudos sobre comunicação, sociedade e comunidade, enfatizando a análise das relações entre tecnologia e vida comunitária. Contribuições de Alfons Silbermann, Kwasi Wiredu, J. W. Helina e outros.

NIMMO, Dan D e SANDERS, Keith R., orgs. — *Handbook of Political Communication*. Beverly Hills, USA, Sage, 1981

Escrito por 27 especialistas, este manual define a comunicação política como campo específico de estudo. Trata das relações entre a imprensa e o governo, a retórica política, a socialização da criança para a participação política, a comunicação nas campanhas eleitorais, a pesquisa da comunicação política, a propaganda política e as políticas governamentais e a comunicação.

MORÁN, José Manuel, org. — *Televisão, Poder e Classes Trabalhadoras*. São Paulo, CADERNOS INTERCOM, n.º 2, Cortez Editora, 1982.

Ensaio sobre televisão, política, poder e ideologia no Brasil, destacando a questão da televisão na vida cotidiana dos trabalhadores e seu papel como educador permanente das classes subalternas.

## 3. Comunicação de massa

RICE, Ronald e PAISLEY, William J., orgs. — *Public Communication Campaigns*. Beverly Hills, USA, Sage, 1981.

Visão geral da técnica e organização de campanhas de divulgação, dando vários exemplos norte-americanos de campanhas bem e mal sucedidas nas áreas de combate ao fumo, prevenção de incêndios nas florestas, medicina preventiva das doenças cardíacas, planejamento familiar e economia de energia elétrica. Um capítulo é dedicado a campanhas de massa na República Popular da China. O livro fornece o arcabouço teórico e as técnicas para lidar com determinados públicos e temas.

PERUZZO, Cicilia K. — *Relações Públicas no Modo de Produção Capitalista*. São Paulo, Cortez, 1982.

Estudo sobre as Relações Públicas enquanto instrumento de controle social e dominação política. A autora examina o aparecimento das relações públicas na histó-

ria recente do capitalismo e mostra como as suas técnicas servem aos detentores do capital para impor uma servidão sutil às classes trabalhadoras. Analisa também a apropriação que as classes subalternas fazem das Relações Públicas para a defesa dos seus interesses econômicos e políticos.

HUDEC, Vladimir — *El periodismo*. Praga, OIJ, 1980.

Estudo sobre a essência, as funções sociais e o desenvolvimento do Jornalismo adotando uma perspectiva marxista de análise.

TSUKASOV, S. V. — *The Organization of Work in an Editorial Office*. Praga, OIJ, 1979

Perfil da organização redacional dos jornais nas sociedades socialistas.

MINKOV, Mikail — *Radio-Journalism*. Praga, OIJ, 1980.

Manual de rádio-jornalismo que reproduz a concepção dessa atividade e sua prática nos países do Leste Europeu.

HASKOVEC, Slavoj — *The News Agency in the System of Mass Media*. Praga, OIJ, 1980.

Sistematização do trabalho jornalístico realizado numa agência noticiosa. O autor analisa comparativamente a prática das agências socialistas e das agências dos países capitalistas, enfatizando algumas das propostas da UNESCO sobre o fluxo internacional das notícias.

## 4. Comunicação alternativa.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo, coord. — *Jornalismo Popular*. São Paulo, CADERNOS INTERCOM, Cortez, 1982.

Ensaio sobre o jornalismo produzido por e para as classes trabalhadoras: jornais de sindicatos, imprensa de periferia, publicações dos movimentos sociais urbanos.

MATOS, Gabriel e outros — *Comunicación Popular: como elaborar materiales audiovisuales*. Lima, Centro de Investigación en Comunicación, s/d.

Roteiros para elaboração de programas de rádio, produção de fotografias, slides e outros materiais destinados ao trabalho de mobilização popular.

MATOS, Gabriel e J. MAZIARSKI — *La entrevista y el reportaje*. Lima, Centro de Investigación en Comunicación, s/d

Apontamentos sobre a técnica da entrevista, com visitas a sua utilização na imprensa popular. Estudo sobre a reportagem como gênero jornalístico, tendo como ponto de referência sua prática na imprensa polonesa.

## 5. Folkcomunicação

PELLEGRINI FILHO, Américo — *Antologia de Folclore Brasileiro*. São Paulo, EDART, 1982

Coletânea de ensaios e artigos sobre temas básicos de folclore: teoria de folclore, aplicação de folclore, religiosidade popular, medicina popular, lúdica, artes e técnicas, música, literatura oral e escrita, folclore infantil.

SLATER, Candace — *Stories on a string — The Brazilian Literatura de Cordel*. Berkeley, University of California Press, 1982.

Estudo sobre a literatura de cordel produzida no Brasil, enfatizando a relação entre os produtores culturais e o público consumidor.

## 6. Indústria cultural

LEÃO, Sinval Itacarambi, coord. — *Mercado Cultural*. São Paulo, MERCADO GLOBAL, Central Globo de Comercialização, 1981.

Mesa redonda sobre as peculiaridades e os problemas do mercado de bens culturais no Brasil contemporâneo: cinema, teatro, shows, discos, editoras e artes plásticas.

MATTOS, Sérgio — *The impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television*. San Antonio, Texas, USA. University of Texas, 1982.

Estudo sobre o desenvolvimento da televisão no Brasil e as consequências geradas pela Revolução de 1964, no plano do controle e do crescimento econômico.

## 7. Comunicação internacional

SANCHEZ, Joaquim, erg. — *Memórias de la Semana Internacional de la Comunicación*. Bogotá, Pontificia Universidade Javeriana, 1981

Coletânea das comunicações e debates apresentados ao simpósio promovido em 1980 em Bogotá. Temas principais: problemática da comunicação, suas perspectivas na América Latina; a pesquisa em comunicação; a nova ordem mundial da comunicação. Principais autores: Armand Mattelart, Luis Ramiro Beltrán, Everett Rogers, Jesus Martin Barbero, Fernando Reyes Matta.

BELTRÁN, Luis Ramiro e Elizabeth FOX DE CARDONA — *Comunicação dominada*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982

Análise sobre a estrutura de poder dos meios de comunicação de massa na América Latina e sua dependência em relação aos capitais norte-americanos.

## 8. Comunicação no Brasil

FERNANDES, Ismael — *Memória da telenovela brasileira*. São Paulo, Proposta Editorial, 1982

Catálogo das telenovelas produzidas e exibidas no Brasil, com anotações sobre autores, personagens, atores, períodos de exibição, etc

SOUSA, Carlos Roberto — *A fascinante aventura do cinema brasileiro*. São Paulo, Fundação Cinemateca Brasileira, 1981

Síntese da história do cinema brasileiro, destacando seus momentos mais significativos.

PUC-RJ — DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO — *Proposta pedagógica da Fundação Maranhense de Televisão Educativa*. Rio de Janeiro, ABT, 1981

Avaliação da experiência da Fundação Maranhense de Televisão Educativa durante o período 1969/1980.

OHTAKE, Ricardo, coord. — *A Gráfica Urbana*. São Paulo, IDART, 1982

"O trabalho sobre a Gráfica Urbana procurou conhecer tanto a gráfica quanto o urbano. A gráfica urbana difere da gráfica impressa pela execução de um produto único, com características próprias de letras, imagens, cores, bem como pela escala da leitura."

## 9. Obras afins

CEDEC — *Cidade, Povo e Poder*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982

Estudos sobre os movimentos sociais urbanos, enfatizando as formas de protesto popular no Brasil, bem como as tentativas de estabelecimento de poder local pelas classes populares na América Latina.

KRUG, Jorge — *Mobilização Comunitária*. São Paulo, Cortez, 1982

Relato e avaliação dos seminários de desenvolvimento de comunidade realizados no Rio Grande do Sul, no período de 1951 a 1966.

## 10. Periódicos

COMUNICACIÓN Y CULTURA, nº 7. México, UAM-Xochimilco, 1982

Edição monográfica dedicada ao tema: os limites do debate internacional sobre comunicação

Edição especial sobre os 10 anos do DPto. de Comunicação da UCMG.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO, nº 43. Rio de Janeiro, 1982

Edição dedicada principalmente ao tema – a batalha da informação – avaliando o andamento da luta por uma nova ordem mundial da informação.

BOLETIM INTERCOM – ASSINATURAS

“O Boletim INTERCOM é a coisa mais séria que existe em matéria de comunicação nesse país de comunicólogos” (Alberto Dines – Pasquim 21 de novembro de 1980)

O valor da assinatura anual para 1982 é de Cr\$ 2.000,00. Preencha o cupom abaixo e devolver para: Rua Augusta, 555 – São Paulo – CEP 01305 – SP – acompanhado de cheque nominal. Não aceitamos ordem de pagamento ou vale postal.

Assinante: .....
Endereço: ..... Fone: .....
Cidade: ..... Estado: ..... CEP .....
Data: .../.../..... Assinatura .....

Esta é uma revista que pretende uma intervenção crítica na realidade comunicacional, oferecendo aos estudantes, professores e profissionais, alternativas para a emergência de uma nova comunicação, mais democrática e popular.

Organizada pelo centro de Pós-Graduação do IMS., é editada e distribuída pela Cortez Editora e Livraria.

A Revista Comunicação & Sociedade tem uma periodicidade semestral: é publicada nos meses de março e outubro. Poderá ser adquirida através de assinaturas, reembolso postal ou na livraria de sua cidade.

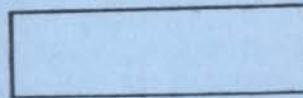
Fazendo assinatura, você receberá a revista em sua casa e não correrá risco de reajustes de preço (no período).

Assinatura para 1982 – números 7 e 8 ..... Cr\$ 1.000,00\*
Números avulsos e atrasados. .... Cr\$ 550,00\*

Recorte aqui, preencha e remeta junto com cheque cruzado, em nome da Cortez Editora e Livraria.
(\*) Preços e prazos válidos até agosto de 1982

Solicitação de assinatura – Revista COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE

A Cortez Editora e Livraria
Rua Bartira, 387 – Tel.: (011) 864-0111
05009 – São Paulo – SP



Solicito uma assinatura da revista Comunicação & Sociedade para o ano de 1982.
Para isto estou enviando um cheque no valor de Cr\$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros), relativo aos números 7 e 8.

\*Desejo receber também os seguintes números atrasados (ao preço de Cr\$ 440,00 cada)

Número(s) 1, 2, 3, 4, 5, e 6

Estou enviando o cheque nº ..... do Banco .....
no valor total de Cr\$ ..... (.....),
cruzado, em nome da Cortez Editora e Livrar.

Dados do assinante:
Nome: ..... Nº: .....
Endereço: ..... Bairro: ..... DDD ..... Tel.: .....
Aptº: ..... Cidade ..... Est.: .....
CEP ..... Caixa Postal: ..... CPF ou CGC Nº: .....

Assinatura Local e data

## V CICLO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO

### IMPASSES E DESAFIOS DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

São Paulo, 3 a 7 de setembro de 1982



**INTERCOM**

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Caixa Postal, 20.793  
São Paulo - Brasil

Contudo, o governador determinou dia e horário em que o senador já tinha compromisso. A *Folha*, que era a promotora do encontro, e portanto responsável pela determinação da data, encampou a decisão de Maluf e a manteve, embora criticando-a em seus editoriais, em mais uma demonstração de incoerência típica de quem quer acender uma vela a Deus e outra ao diabo, como vem pretendendo fazer aquele jornal nos últimos tempos. Assim, Maluf tentou promover-se comparecendo sozinho ao auditório da *Folha* e acusando Montoro de "fujão". No dia seguinte, o governador repetiu a dose na Rede Globo de Televisão, mas nesta ocasião acabou havendo algum debate, pois embora Montoro não tivesse comparecido, os jornalistas Augusto Nunes, Marcos Antonio Rocha e Antonio Brito (este destacando-se nesta fase de politização da tv como um dos mais competentes jornalistas de nossos vídeos), com boas e instigantes colocações acabaram encostando o governador contra a parede e fazendo-o perder o legítimo auto-controle em diversos momentos, a ponto de, num deles, invocar sua condição de convidado do dono da Rede Globo e não dos jornalistas. Enfim, mesmo não tendo debatedor, Maluf conseguiu perder.

### VOZ DA UNIDADE E OS 60 ANOS DO PCB

O jornal *Voz da Unidade* comemorou os 60 anos do Partido Comunista Brasileiro com uma sóbria e graficamente bem cuidada edição especial. O *Voz da Unidade*, que desde o último "racha" em sua redação vinha tendo sua qualidade editorial em descenso vertiginoso, a partir da edição comemorativa do aniversário do PCB, pelo menos em termos de diagramação e ilustração, tem demonstrado grandes avanços.

### EM DISCUSSÃO A IMPRENSA ALTERNATIVA

A chamada Imprensa Alternativa precisa redefinir suas fórmulas de contato com o público, superar sua crônica crise financeira e, provavelmente, eliminar o ceticismo que se alimenta em relação a ela, especialmente agora quando — passados alguns anos da "Abertura" — abrem-se novas perspectivas políticas para a sociedade brasileira. Essas seriam, a grosso modo, as principais conclusões do debate promovido pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo sobre o tema: "Imprensa alternativa: fim de um ciclo". Para Alberto Dines, um dos debatedores, a situação é clara; o surgimento da imprensa alternativa em meados da década passada, "foi uma absoluta e global alternativa apresentada ao mercado leitor de jornais e revistas, nos aspectos de informação, linguagem e, sobretudo, na atitude crítica frente aos acontecimentos, uma vez que a grande imprensa encontrava-se praticamente homogeneizada pela ação do AI-5". Com a política de distensão do governo Geisel a crise teve início: os grandes jornais começaram a ocupar o espaço dos alternativos, "embora de maneira ambígua e insuficiente". Para Dines o golpe fatal, no entanto, foram os atentados à bomba promovidos pela extrema-direita no ano de 1980. "A partir daí, a grande imprensa ocupou ainda mais os espaços da imprensa alternativa, sem que esta apresentasse então novidades para resgatar seu público". Raimundo Pereira, no entanto, discorda de Dines: "a prova de que a imprensa alternativa está ainda em florescimento é o sucesso dos jornais partidários, que souberam reagir à ação terrorista das bombas, adotando formas originais de produção e de distribuição, feita de mão em mão, através de seus militantes. Esses jornais estão tendo suas tiragens aumentadas, justamente por terem adotado uma nova política". Por outro lado continua Raimundo Pereira — "apesar de a grande imprensa ter atingido um estágio de modernidade com a abertura política, o que ela vem fazendo não é nada

comparável ao que fazia antes de 64, quando tínhamos um regime liberal. Os grandes jornais de hoje têm uma posição ambígua a respeito das grandes questões como o restabelecimento da democracia, a dívida externa, a reforma agrária, a participação popular no poder, entre outras". Por isso, Raimundo Pereira acredita que "ainda há muito espaço para a imprensa alternativa ocupar, no sentido de esclarecer, opinar e melhor cobrir os acontecimentos. A imprensa alternativa ainda está florescente, sofreu um golpe, um duro golpe, mas é por isso que precisamos apoiá-la e lutar para criar outros veículos".

## MALVINAS E CULTURA

Um parágrafo da reportagem de capa da revista *Veja* nº 710 sobre o conflito das Ilhas Malvinas vale mais que qualquer comentário a respeito dessa crise artificial criada pela ditadura argentina: "Em Buenos Aires (. . .) a inflamada guerra nacionalista chegou a seu apogeu. Nos cinemas, antes de cada sessão, tocou-se o hino nacional. Nas estações do metrô, marchas militares. No hipódromo (. . .) disputou-se o Grande Prêmio Malvinas Argentinas, enquanto a Secretaria de Informação Pública determinava a proibição da minisérie "O Mercador de Veneza", de William Shakespeare, produzido pela BBC". Quem tinha dúvidas, portanto, passa a ter certezas: a Argentina é governada por uma das mais ferozes ditaduras militares do mundo, campeã na violação dos direitos humanos, recordista no número de presos políticos assassinados; o grupo dominante nas Forças Armadas não dispõe do respaldo de qualquer setor social significativo do país: a nação está imersa numa crise econômica absolutamente sem precedentes. Depois de contribuir militarmente para agravar a guerra civil em El Salvador, os generais argentinos buscaram o pretexto das Malvinas, alardeando anti-colonialismo, hipócrita e descaradamente.

## A HISTÓRIA NÃO PERDOA REAGAN

No ponto alto da crise das Malvinas, em princípios de abril, uma notícia pequena, mas muito significativa, quase passa despercebida (se é que não passou) pelos olhos dos leitores: 46% da opinião pública norte-americana desaprovava a forma como Reagan tem se desempenhado no cargo de presidente dos Estados Unidos. A pesquisa feita pelo Instituto Gallup concluiu que a popularidade do velho "cow-boy" conseguiu ir ainda mais baixo do que a histórica reprovação sofrida por Truman e por Gerald Ford. Assim, em rápidos números e apesar da insistência como que o discurso conservador de Reagan tem sido veiculado interna e externamente, mais uma vez a realidade se impõe: o desemprego, a recessão econômica, as altas taxas de juros, a crise agrícola, a queda na produção de veículos, acabaram soterrando a fraseologia reacionária de "new beginning", tanto quanto tem sido até agora mais resistentes do que os pretextos armamentistas e intervencionistas. Ainda assim, no entanto, o próprio Ronald Reagan (uma espécie de Maluf às avessas), não se dá por satisfeito: perguntado sobre as razões de seu desprestígio, foi taxativo: a culpa é dos meios de comunicação porque a imprensa dá ênfase apenas a "notícias deprimentes".

## MARX NA TV BRASILEIRA

A partir do mês de março, os telespectadores das TV's Educativas tiveram uma grata surpresa: semanalmente, passou a ser exibido um capítulo do programa "A Era da In-

certeza", produzido na Inglaterra. Trata-se de uma série de aulas, sobre doutrinas e personalidades quer marcaram o pensamento e a sociedade modernos. Sob a responsabilidade do conhecido economista norte-americano John Kenneth Galbraith. As aulas têm sido atraentes, pois, além do interesse de seus temas (as obras de Adam Smith, Ricardo Marx, Lenin), são expostas num estilo bastante fluente. Contribuem para isso a clareza e a objetividade de Galbraith — que não se confundem com a simples vulgarização ou superficialidade — bem como o cuidadoso trabalho visual que busca reconstruir a época e aspectos da vida e da obra da personalidade analisada.

No entanto, o reacionarismo e o conservadorismo dos ideólogos que dirigem nossas TV's tiveram que se defrontar com um problema: os conceitos proferidos em muitas aulas de Galbraith eram muito liberais para o público brasileiro! Rejeitando a hipótese de arquivar pura e simplesmente toda a série, nossos videocratas logo encontraram a solução para contornar o impasse. O casuísmo consistiu em dar uma "calibrada nacional" às lições do *scholar* norte-americano. Desta forma, no início e no final de cada aula, alguém é convidado para oferecer ao telespectador — na ótica da produção brasileira, um "inculto" ou um "sujeito facilmente influenciável" — uma "explicação" das explicações contidas nas lições de Galbraith. Afinal, TV Educativa que se preze, precisa cuidar do "didatismo" e da harmonia social... Isto ficou particularmente evidenciado numa das aulas da série. Em virtude do reconhecimento que o economista liberal prestou ao rigor e à fecundidade da obra de Marx — bem como à exemplaridade moral de sua vida familiar e pessoal —, a produção do programa convocou um intelectual do regime para fazer as devidas "retificações" e "reparos" aos trabalhos do maldito pensador. A isto se prestou o assessor da Casa Civil da Presidência da República e candidato a "imortal" (Academia Brasileira de Letras), José G. Melquior. Em algumas dezenas de minutos, teceu ele graves e doutas considerações sobre os "erros" cometidos pelo "dogmático autor" do século XIX... Assim, devidamente "neutralizado" e isolado por um "cordão sanitário ideológico", Marx chegou aos vídeos brasileiros. A produção do programa, por outro lado, pode se considerar vitoriosa: no dia seguinte à aula sobre Marx, os noticiários não acusaram a presença de pacatos cidadãos lançando "bombas molotov" em quartéis, nem ocorreram invasões de propriedades alheias. (Caio Toledo)

## POLÍTICA NA TV: GOVERNO NOS HORÁRIOS NOBRES.

A ofensiva eleitoral governista na TV avança e se intensifica na proporção que se aproximam as eleições. Ela não mais se limita às redes oficiais que atualmente se transformaram em autênticos comitês de propaganda do PDS e dos seus candidatos; emissoras privadas também patrocinam as permanentes aparições de políticos governistas sendo raras e breves as oportunidades concedidas às oposições. O caso do governador de São Paulo, Paulo Salim Maluf, chega a ser acintoso tal é a freqüência com que invade os lares paulistas (e brasileiros!). Em menos de um mês, o sr. Maluf — além dos programas de divulgação sobre a sua administração (aos sábados, em todos os canais e nos "horários nobres" de cada emissora) — foi "convidado" a participar dos seguintes programas: "Sem Censura" (TV-Globo), mais de 90 minutos; "Canal Livre" (TV-Bandeirantes), mais de 60 minutos; "Crítica e Autocrítica" (TV-Bandeirantes), mais de 60 minutos; "Jogo da Verdade" (TV-Cultura) mais de 120 minutos. Na TV-Globo, entrevistado pelos jornalistas Marco Antonio Rocha e Augusto Nunes, o sr. Maluf não apenas respondeu o que lhe interessava, como chegou a assumir uma postura agressiva e ameaçadora diante de questões por ele consideradas "impertinentes". Louve-se o comportamento — digno e correto — dos entrevistadores que se esforçaram em conferir ao

programa um mínimo de caráter de seriedade. Comprovou-se, assim, que o governador de São Paulo não é muito dado ao debate e diálogo democráticos. O "Canal Livre", vo, vai aos poucos cedendo ao oficialismo e ao mais banal mundanismo burgues. Nessa linha de crescente adesismo, o sr. Maluf — *pela segunda vez em menos de um ano* — ali compareceu para uma promoção de ordem pessoal. Como ocorreu na vez anterior, os entrevistadores passaram pela sua censura prévia (na 1ª vez, o sr. Maluf vetou os lugares entraram artistas e um esportista que jamais primaram por atitudes oposicionistas). Passadas menos de duas semanas, o sr. Maluf voltaria à TV—Bandeirantes. Desta vez, para participar, junto com alguns empresários, do programa "Crítica e Auto-crítica". Como governador parece desconhecer inteiramente o significado da segunda noção que dá nome ao programa, limitou-se a *criticar* as oposições e fazer auto-elogios às suas realizações. Finalmente, no "Jogo da Verdade" o que se assistiu foi apenas um *jogo*, pois na presença do sr. Maluf, o segundo conceito preferiu permanecer em outras paragens... (Caio Toledo)

## UM POUCO DE POLÍTICA E MUITA POLÍCIA

Deve-se reconhecer que, paradoxalmente, na TV mais subserviente ao regime é transmitido um programa onde as oposições têm encontrado um espaço maior para expor suas idéias e suas críticas. A rigor, esta abertura tem sido possível graças à competência jornalística do editor Ferreira Neto. O debate entre o senador Franco Montoro e o prefeito da capital paulista Reinaldo de Barros, contudo, esteve na iminência de não se realizar. Sofrendo pressões do Palácio do Governo — que temia pela sorte de seu despreparado candidato ao Executivo de São Paulo no debate com montoro —, o dono da TV-S tentou, à última hora, cancelar o programa. Diante da ameaça de ter de pagar uma pesada multa contratual, o sr. Sílvio Santos voltou atrás — nunca por amor a democracia, mas pelo temor de perder dinheiro. Em contrapartida, o dono da TV-S "deu o troco": transferiu o início do programa para um horário de menor audiência e proibiu a Rádio Jovem Pan transmitir o debate para todo o país! O que se pergunta é até quando o Programa Ferreira Neto sobreviverá. Ou até quando durará essa abertura numa emissora onde o seu dono é um próspero explorador da credulidade popular e, portanto, muito pouco interessado no esclarecimento popular.

A rigor, a verdadeira face da TV-S não está no "Programa Ferreira Neto", mas na sua sessão da tarde, levada diariamente ao ar sob o enganoso nome de "O Povo na TV". Relate-se apenas alguns dos momentos de um Programa ocorrido no dia 29/03/82: a) Tendo ao fundo manchetes de jornais anunciando mortes cometidas pelos aparatos policiais e um destacado emblema da "Scuderie Le Coq" (caveira com dois ossos cruzados), um dos apresentadores do Programa afirmou de forma entusiasmada: "Hoje eu amanheci com o pé direito. Estou muito contente, pois soube que a polícia acabou com a vida de fulano de tal, bandido...". A massa presente no auditório prorrompe em palmas; b) O mesmo apresentador, ao ser informado da rebelião na Casa de Detenção de São Paulo, dirige-se de dedo em riste em direção à câmara e adverte: "Quero ver agora esses comunistas que só sabem criticar a polícia... Vão lá dialogar com os presos". Ao saber que os amotinados solicitam viaturas para poderem fugir da prisão, não vacila: "Deixem eles sair de carro. Mais adiante a polícia os alcançará e, então fogo neles!" Novamente a massa do auditório bate muitas palmas. c) Apresentadores em núme-

ro de uma dezena tomam-se as mãos e entoam uma música onde se fala na fraternidade, na amizade, na felicidade, na bondade... Ao fundo, uma voz em tom de comando, censura quem — ao invés "de limpar o passeio de sua própria casa" — fica a reclamar do governo um melhor atendimento e mais eficiência dos serviços públicos!

Programas como estes, na medida em que não são considerados "revanchistas", podem ser transmitidos impunemente. Censura parece só existir para quem denuncia o arbítrio e os "tempos negros" (caso de "Prá frente, Brasil"). Programas que promovem a despolitização e fazem apologia da delação e do extermínio dos "bandidos" têm espaço aberto na Televisão brasileira. (Caio Toledo)

## "HORA DO BRASIL" A SERVIÇO DO PDS

Contrariando as disposições legais que proíbem a propaganda político-partidária através da "Hora do Brasil", o Gen. J. Figueiredo teve seu discurso de Niterói transmitido nesse programa radiofônico. Na sua fala, o Gen. J. Figueiredo, como presidente do partido, fez uma aberta conclamação eleitoral em defesa do PDS. Pergunta-se, a título de simples curiosidade: a) Teria alguma eficácia qualquer representação jurídica contra a ilegalidade de tal ato? b) Às oposições estaria garantido o privilégio de se utilizar do mesmo procedimento?

## DEZ ANOS DE CORES NOS VÍDEOS

A televisão brasileira comemorou sem festas nem alarde os seus dez primeiros anos de cores. Pouco espaço foi destinado ao evento também pelos jornais e revistas e dos "mídia-criticos" que cobrem televisão apenas Paulo Roberto Leandro, de *O Estado de S. Paulo* (31/3/82) registrou o fato. Leandro recordou o velho chavão "pena que nossa tv não seja a cores" e alguns dos momentos de basbaque do início da televisão a cores (como o noticiário da Bandeirantes em que o cenário era composto de araras e papagaios). E também ressaltou algumas das conquistas que a televisão obteve graças ao advento da cor, como a melhoria da qualidade das novelas, seu maior realismo e a maior credibilidade do telejornalismo. O artigo de Leandro, contudo, embora forneça pistas interessantes, não poderia, dadas suas próprias limitações naturais, dar conta da necessária tarefa a que os pesquisadores devem se dedicar de destrinchar o significado da introdução da cor para a linguagem e conteúdo da televisão no Brasil.

## PROPOSTA PRIMEIRA TV COMUNITÁRIA NO BRASIL

O presidente da TV Educativa do Rio de Janeiro, professor Cláudio Figueiredo, colocou à disposição da Secretaria Municipal de Educação daquela cidade um canal de UHF para a criação da primeira televisão comunitária do País. A princípio, a televisão comunitária deverá atender os bairros de Campo Grande, Bangu e Santa Cruz. Será feita uma programação educativa diária para ser transmitida em determinado horário através do canal de UHF. Essa programação será dirigida inicialmente às crianças matriculadas na rede municipal de ensino, com ênfase para o ensino pré-escolar. Não há previsão de data para o início das transmissões. (JB, 30/3/82)

## MAIS FILMES BRASILEIROS NO AR

A EMBRAFILME fez o levantamento e concluiu: nunca tantos filmes brasileiros fo-

ram exibidos na televisão como em 1981, mas a situação ainda é de absoluta predominância do cinema estrangeiro na televisão brasileira. Tomando como base as estações de tv do Rio de Janeiro, o levantamento mostra: em 1981 foram exibidos 86 longas-metragens nacionais (contra 32 em 1980) e 1704 longas metragens de outros países (inclusive 7 australianos, 2 russos, 1 japonês e 1 filipino). Do total geral, 1304 eram filmes (in-americanos, 170 ingleses e 117 italianos. A emissora que mais prestigiou o cinema brasileiro foi a TV Studios, responsável por 59 das 86 exibições de filmes nacionais (a maioria, porno-chanchada). (FSP, 20/3/82)

### COPA VAI DAR LUCRO DE US\$ 15 MILHÕES PARA GLOBO

A Rede Globo, que conseguiu a exclusividade brasileira para a transmissão da Copa do Mundo e não abriu mão dela, apesar da grita geral da concorrência, vai ter um lucro estimado em 15 milhões de dólares pela sua façanha. Para isso, obteve o patrocínio de quatro das maiores empresas que atuam no Brasil: a Souza Cruz, a Coca-Cola, a Topper e a Volkswagen, que disputaram com outras 16 empresas o direito de pagarem o preço fantástico dos anúncios fixados pela Globo para a Copa do Mundo. Em compensação, estas empresas estarão anunciando para uma audiência estimada em 65 milhões de pessoas concentradas em 14 milhões de domicílios durante quase um mês inteiro. Para conseguir a exclusividade, a Globo teve de comprar há dois anos atrás a pouco lucrativa transmissão das Olimpíadas de Moscou. Mas esta era a condição essencial imposta pelo consórcio internacional de satélites para quem quisesse obter, agora, o direito de transmitir a lucrativa Copa de futebol. O jornal *O Estado de S. Paulo* (7/3/82) publicou ampla matéria assinada por Cristina Pinheiro Machado com todos os detalhes do "milionário patrocínio da Copa".

### NOS DOMICÍLIOS ELETRIFICADOS, PRESENÇA DA TV DE 81%

Os números do censo de 1980 sobre a presença da televisão nos domicílios brasileiros, aos poucos, vão sendo destrinchados. Além do imenso aumento do número de residências com aparelhos de tv registrado entre 1970 e 1980 e da enorme diferença entre a porcentagem de aparelhos de tv nas áreas urbana e rural (71% contra 14%), já registrados no último número deste *Boletim*, um novo dado fica agora claro: dos domicílios que são servidos com eletricidade, a porcentagem dos que estão dotados com televisores é ainda mais impressionante: 81%, ou seja, em cada dez casas com eletricidade no Brasil, oito têm aparelhos de tv. E, quando se leva em consideração apenas os domicílios com eletricidade, a diferença entre as áreas urbanas e rurais não é tão significativa: 83% nas cidades e 71% no campo. (*Tempo e Espaço*, 22 de março de 1982)

### CONTINUA O SUCESSO DO GAROTO BOM-BRIL

Não se conhece sucesso nem longevidade similares na história das campanhas publicitárias da televisão brasileira: o garoto Bom-Bril, representado pelo ator Carlos Moreno, entra em seu quarto ano ininterrupto de êxito integral. A DPZ, que já ganhou diversos prêmios internacionais por causa do personagem e do ator (que é mantido por contrato de exclusividade), está agora empenhada numa promoção de concurso comandada por Moreno, oferecendo prêmios aos telespectadores. E seus responsáveis são otimistas: acham que o garoto Bom-Bril ainda pode durar mais dez anos nos vídeos sem se desgastar.

### GLOBO POPULARIZA PROGRAMAÇÃO E LEVA VANTAGEM

Assustada com o crescimento da audiência da TV-S, a Globo resolveu popularizar sua programação e deu certo: O Cassino do Chacrinha, o Caso Verdade e nova novela de Janete Clair reanimaram os índices da Globo, que embora jamais estivessem ameaçados em sua hegemonia incontestável, andaram mostrando sinais de abatimento diante das novidades de Sílvio Santos. Chacrinha, principalmente, reafirmou seu antigo prestígio e já é um dos líderes da nova programação da Globo, repetindo seus antigos e coghecidos truques. A também velha fórmula Janete Clair — Francisco Cuoco — Regina Duarte, entremeada agora de características sobrenaturais, também demonstrou continuar com todo o prestígio junto ao público: *Sétimo Sentido* vem tendo um desempenho de audiência muito superior ao de *Brilhante*, pelo menos comparando-se os dados das primeiras semanas de uma e de outra. Além disso, o simulacro de Nelson Rodrigues, a novela das 18 horas, *O Homem Proibido*, contando com a promoção grátis da Censura, também está obtendo bons índices de IBOPE.

### BANDEIRANTES TENTA DE NOVO. AGORA, COM FLÁVIO CAVALCANTI

E já que a idéia é ressuscitar múmias, a Bandeirantes não quer ficar atrás, demitido Walter Clark sem ter conseguido mudar substancialmente a situação da rede, Fernando Barbosa Lima assumiu a direção e sua primeira grande novidade foi retirar do baú dos antigos ídolos da tv brasileira o empoeirado Flávio Cavalcanti, que agora estará nada menos do que todas as noites no horário nobre em substituição ao pretensioso e fracassado *Noventa Minutos*. Contrato milionário nas mãos, Flávio promete que não irá cansar os telespectadores aparecendo diariamente nos vídeos. De resto, a Bandeirantes não ousa inovar em nada: mantém-se no segundo ano de sucesso relativo de *Os Imigrantes*, ameaça dar mais prioridade ao telejornalismo e escora-se no êxito incontestável do pioneiro *Canal Livre*.

### BRASILIENSE E PAULINAS AS QUE MAIS CRESCERAM

*Leia Livros* (Março/1982) apresentou o balanço do desempenho das editoras brasileiras em 1981: quem mais cresceu foi a Editora Paulinas (178% em relação a 1980) e, a Brasiliense (76,1%). Saraiva, Melhoramentos e Ática foram as principais quedas. A Brasiliense, contudo, subindo para o segundo lugar (superada apenas pela Record) é o grande sucesso no mercado de livros atualmente no Brasil, principalmente em função do êxito de suas coleções "Primeiros Passos", "Tudo é História" e "Primeiros Vôos", com seus livros pequenos, baratos, acessíveis e de boa qualidade.

### Profissões

#### UM DEBATE SOBRE OS ASSESSORES DE IMPRENSA

No passado recente, estar à frente de uma assessoria de imprensa nem sempre conferia grande respeitabilidade ao jornalista. Não raro, a expressão causava ligeiro mal-estar e até desconfiança sobre o nível de comprometimento do jornalista com a empresa empregadora. Não seria exagerado se falar numa aura de "goebbelsismo" perseguindo o profissional que exercesse tal função

O estigma poderia ser explicado pela presença maciça dos relações públicos nessa área que, também mal interpretados, eram rotulados de recepcionistas ou propagandistas de alma vendida ao diabo.

O estreitamento do mercado de trabalho nas redações e o desemprego de modo geral, assim como uma maior racionalização do trabalho ensaiada por algumas empresas, motivaram jornalistas a vislumbrar nas assessorias uma dilatação do mercado e desfazendo-se dos preconceitos passaram a ocupar essa função. O afluxo provocou uma higienização na categoria, profissionalizou mais seriamente as assessorias mas também surgiram problemas.

### Esgrimando em espaço

Exatamente com o objetivo de discutir os problemas que o jornalista enfrenta no seu relacionamento com o profissional de RP, com as redações dos jornais e uma regulamentação mais definida para o cargo, o Sindicato dos Jornalistas realizou um debate interno convidando diversos assessores de imprensa, redatores da grande imprensa e o deputado Audálio Dantas. O debate foi publicado no jornal *Unidade* de março de 82.

O ponto mais destacado do debate foi a atuação do Conselho Regional de Relações Públicas - CONRERP - autarquia ligada ao Ministério do Trabalho, com poder de autuar e multar empresas que não possuam um profissional de relações públicas nas assessorias. O sindicato dos jornalistas, como toda a estrutura sindical brasileira, não tem a mesma propriedade de controle sobre o mercado de trabalho.

Como a coexistência pacífica de jornalistas e RPs dentro do mercado de assessorias tem sido difícil de alcançar, principalmente devido aos conflitos entre as regulamentações que regem ambas as profissões, o debate lembrou que na ocasião em que foi anunciada a regulamentação da profissão de RP, o sindicato dos jornalistas assinou-a concordando com seus estatutos. Talvez, porque na época jornalista fazia jornal de grande imprensa e o espectro do desemprego não desfilava tão escandalosamente como hoje.

Dentro disso, o debate ressuscitou a necessidade de se repensar os trabalhos específicos de cada profissão dentro das assessorias de imprensa através de contactos definitivos entre o Sindicato, a Conrerp e o Ministério do Trabalho, a fim de aparar as arestas que vêm esporeando cada um dos lados.

Nesse sentido, o sindicato já encaminhou um estudo jurídico sobre a regulamentação funcional do jornalista em assessoria e dos conflitos com a regulamentação dos relações públicas, donde nasceu uma minuta de projeto de lei a ser encaminhada para aprovação na Assembléia Legislativa e o mesmo no Congresso Nacional, para adequação da lei que regulamenta a atividade jornalística.

### Releases vs "relixos"

Outra questão abordada exaustivamente pelo debate foi o crescimento da credibilidade das informações com o inchamento das assessorias por jornalistas. Para isso, a atuação do sindicato foi fundamental.

Desenvolvendo campanhas pela identificação do *release* entre os assessores e campanha paralela pela aceitação dos *releases* identificados pelos editores, logrou em purgar o *release* do apelido de "relixo", ou seja, aquele material enviado em nome da empresa, sem a fonte identificada, com informações que se prestavam até para manobras políticas dentro da empresa. Na ausência do jornalista, qualquer um se auto-credenciava para

dizer o que bem entendia

A presença do jornalista, devidamente identificado no final do *release*, já pressupõe um determinado tratamento da informação, checagem e realce dos pontos que não somente interessam às empresas divulgar, como às redações aprofundarem. Nesse sentido, os *releases* têm funcionado, na maioria dos casos, como avisos-pauta. O editor confia na informação fornecida por outro jornalista e envia um repórter para a colheita de dados mais pormenorizados. Nem o desprezo aos *releases* nem sua publicação na íntegra (dispensando o trabalho de reportagem) interessam nem às redações nem às assessorias.

### Pontos intocados

No que toca a respeitabilidade conquistada pelos assessores da imprensa, o debate foi feliz. Contudo, faltou a exposição de dois pontos. Primeiramente, que a prática das assessorias de imprensa que sempre esteve tão umbilicalmente vinculada ao amadurecimento das empresas capitalistas ou aos organismos estatais, firmou-se como um canal tão saudável para o fluxo das informações e para o relacionamento entre jornalistas e empresas, que vem sendo adotadas por outros setores.

Já não é raro encontrar sindicatos e associações de classe que disponham desse serviço, entendendo como a organização na emissão das informações é da maior seriedade e aumenta em grandes proporções o contacto entre os jornalistas e as entidades. Da mesma forma que as empresas montam as assessorias para sistematizar suas informações e manter o público inteirado de suas atividades, as entidades sindicais perceberam que agir nesse mesmo sentido, embora com um poder econômico bem inferior, é equilibrar a unilateralidade e a presença hegemônica dos empresários e do governo no noticiário.

Além disso, o debate deixou de mencionar um dos problemas que mais afligem os jornalistas assessores de imprensa. A questão da data-base para o dissídio. Como a maioria das empresas ou entidades possuem reajustes em datas diferentes das do jornalista, é sempre uma ferida que nem empresa nem sindicato conseguiram cicatrizar. O que acontece, na maioria dos casos, é que recebendo um reajuste três meses antes ou depois do dissídio da categoria, o jornalista, às vezes, além de perder em índice de produtividade (que é calculado pelo sindicato que rege os funcionários daquela empresa como um todo) perde também em poder aquisitivo, ficando defasado salarialmente em relação ao resto da categoria. Também a questão de horário de trabalho e salários nem sempre é respeitada pelas empresas. Ficam essas sugestões para um próximo debate. (Lúcia Araújo)

### EM JULHO, CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE JORNALISTAS

Será realizado de 24 a 27 de julho próximo, na cidade do Panamá, o III Congresso Latino-americano de Jornalsitas, promovido pela FELAP - Federación Latinoamericana de Periodistas. O temário é o seguinte: 1) a profissão jornalística e seu regime legal; situação sócio-econômica; tecnologia e exercício de jornalismo; 2) papel do jornalismo nas lutas dos povos pela democracia, a liberdade e a justiça social; imprensa alternativa e imprensa emergente; 3) direitos e responsabilidades no exercício da profissão; FELAP e a Declaração da UNESCO sobre os meios de comunicação; 4) a liberdade de imprensa na América Latina e no Caribe. repressão aos jornalistas; 5) reforma de estatutos da FELAP 6) informes dos organismos da direção, 7) eleição da nova diretoria. O comitê organizador do congresso está formado por Eleazar Diaz Rangel, Baldomero

### ANTONIO ADOLFO PROCESSA UNIÃO

O compositor Antonio Adolfo está processando a União pelo uso desautorizado de composições suas em propagandas governamentais. A iniciativa de Adolfo acabou despertando a consciência de diversos outros compositores que têm tido seus direitos autorais fraudados pelo governo, que utiliza suas composições sem pedir autorização, muitas vezes para veicular idéias políticas das quais os autores das músicas discordam radicalmente. Entre outros, Mário Negrão, Aécio Flávio, Mu (do Conjunto A Cor do Som) já estão interpelando judicialmente a União pelos mesmos motivos de Adolfo.

### CAMPANHA CONTRA ABI TEM REPÚDIO GERAL DOS JORNALISTAS

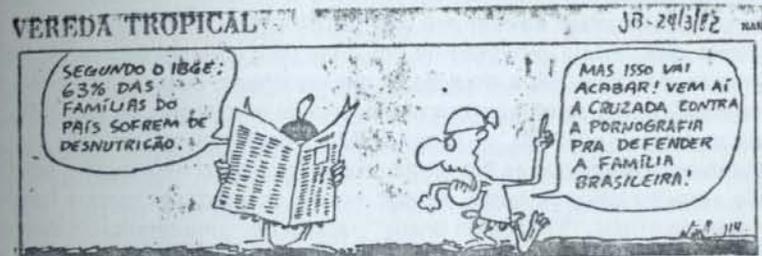
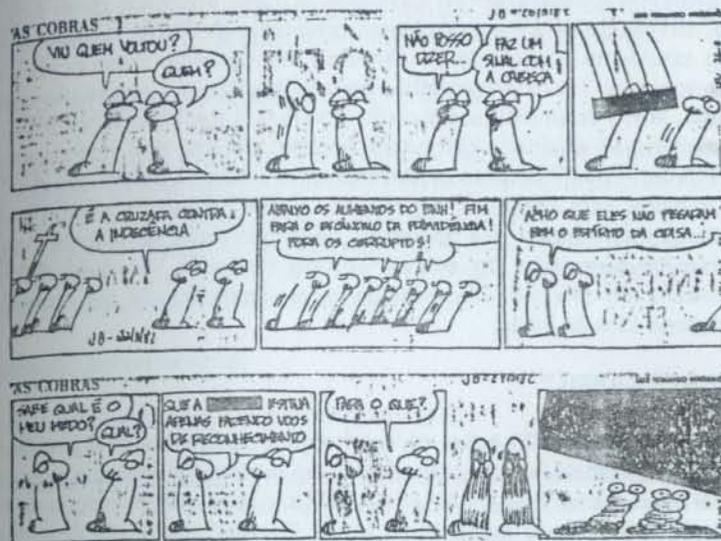
Uma campanha contra a Associação Brasileira de Imprensa e a pessoa de seu presidente Barbosa Lima Sobrinho vem sendo desencadeada por um pequeno grupo de pretensos jornalistas. Publicando pequenos jornais panfletários, fazendo acusações infundadas, alguns elementos da ABI têm procurado denegrir a honra de Barbosa Lima Sobrinho e, por extensão, da própria ABI. Contudo, os ataques não encontraram receptividade. As figuras mais representativas da intelectualidade e, especialmente, do jornalismo brasileiros participaram seguidamente de atos e moções de desagravo à figura de Barbosa Lima Sobrinho, às quais se junta este *Boletim INTERCOM*.

### Censura

#### ELA VEM CHEGANDO

Os receios, infelizmente, parece que eram fundados. Os indícios de que a Censura está voltando com toda força nunca ficaram tão evidentes como nos meses de março e abril últimos. Primeiro, a histórica e descabida proposta da "cruzada moral" feita pelo presidente da República em pronunciamento à Nação e que mereceu o repúdio de grande parte da população, em especial dos setores ligados aos meios de comunicação, artes e cultura, para quem a campanha de moralidade deveria começar pela moralização da administração pública e pelo fim de obscenidades como o abandono dos menores, a fome, o desemprego, a chacina de presos comuns, o arbítrio político, o casuísmo e as mordomias do governador de São Paulo. Mas, em pouco tempo se percebeu que as forças da Censura não iriam se limitar às bravatas do general presidente em favor dos "bons costumes". Pois não demorou para que passasse à prática: cortes na novela *Jogo da Vida*, interdição e posterior liberação com profundas alterações no sentido da novela *O Homem Proibido*, apreensão de revistas masculinas nas bancas de jornais do Rio de Janeiro, interdição do filme *El Salvador*, o *Outro Vietnã* (cuja co-diretora Tetê Vasconcellos é brasileira e que concorreu ao Oscar de melhor documentário de 1981), proibição do filme *Prá Frente Brasil* (veja a próxima matéria) e proibição da peça *Boa Noite, General*, de João Vianeu. Essas últimas ações repressivas da Censura não deixaram margem a dúvida sobre a questão de se ela iria se restringir à moral e bons costumes ou se iria alcançar a parte política e ideológica. Não se pode, é claro, acusar de pornográfico o filme de Roberto Farias ou a peça de Vianeu. Elas foram proibidas devido a suas posições políticas que, segundo os que tiveram acesso a seus trabalhos,

### A CENSURA VISTA COM HUMOR!



nem chegam a ser das mais avançadas. Contra o ímpeto da Censura restaram os protestos dos que fazem arte e cultura no País e atitudes da maior dignidade como o da Igreja Católica que, através de dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, recusou-se a aceitar o convite do presidente Figueiredo de participar do Conselho Superior de Censura ou mesmo de apoiar a "cruzada" moralista por ele lançada. A Censura, no entanto, não perde tempo. Além de ampliar sua atuação nas áreas já tradicionais, estuda as possibilidades de aplicar sua atividade castradora também na área dos vídeo-cassetes e uma "comissão de alto nível" prepara modificações na estrutura da Divisão de Censura de Diversões Públicas para "agilizar" sua atuação. Enfim, depois de algum tempo de aparente desafogar, tudo indica que os tempos de sufoco estão novamente próximos, como receavam os personagens "as cobras" de Luiz Fernando Veríssimo. Somente uma atuação unitária em defesa da liberdade de expressão no Brasil é que poderá afastá-los (Carlos Eduardo Lins da Silva)

### "PRA FRENTE BRASIL"

O ministro da Justiça, Abi-Ackel, de quem alguns parlamentares já pediram a exoneração por incompetência, andou desmentindo em meados de abril que o governo tenha retomado a censura com base em critérios políticos, apesar da interdição do filme "Pra Frente Brasil" e da peça de teatro "Boa Noite, General". As proibições, ainda que tenham sido feitas pela Polícia Federal, cujos motivos foram abertamente denunciados pela imprensa, mereceram do ministro esta justificativa: "Não houve censura política propriamente ditã, mas a proibição de um filme com base em decreto do presidente João Linhares, de 1946, sob a alegação de que continuam incitamento contra o governo e o regime". Como se vê, vivemos no império do eufemismo, da simulação, da mistificação dos fatos. O episódio, no entanto, serve à meditação: de um lado, porque permite vislumbrar, tristemente, os limites da produção cultural num quadro político marcado pelo autoritarismo; de outro, porque mostra, com todas as cores, a fragilidade do projeto político oficial. "Pra Frente Brasil" trata de um tema simples: os desmandos da repressão no início dos anos 70, as prisões clandestinas, a tortura. E, embora seu diretor Roberto Farias tenha procurado diminuir o impacto do filme sob a alegação de que ele foi "feito para combater a violência e se refere a uma situação de 12 anos atrás, que acabou e que todos nós desejamos que nunca mais aconteça", é certo que valeu para a obra o mesmo critério militar com que têm sido vistas todas as manifestações políticas que ocorrem no país: os limites da ação, da denúncia, do protesto estão localizados no estamento repressivo que ainda detém uma parcela significativa de poder no seio do Estado. Como a opção pelo simbolismo não tem sido a regra das criações artísticas ansiosas em contar os tristes anos 70, a censura cobra de quem fala mais claro. E não há nisso nada além de uma simples evidência: uma sociedade civil ainda desarticulada não poderia produzir um movimento cultural suficientemente forte que rompesse esses limites. Por isso, "Pra Frente Brasil" não será visto, o que não quer dizer que os cineastas brasileiros devam se acomodar diante desse quadro. "Pra Frente Brasil" no entanto, é um episódio ainda mais rico: fez mudar a diretoria da Embrafilme, com a substituição de Celso Amorim; andou movimentando o meio cinematográfico e fez falar o presidente da Associação Brasileira de Cineastas, Gustavo Dahl: "a proibição cria um caso em torno de um filme que tem uma atitude responsável e generosa, porque o cinema brasileiro não pode deixar de refletir a cultura e os problemas do País, sob pena de perder o seu sentido e o seu alcance no plano interno e internacional" acelerou uma suposta "reforma administrativa" na Embrafilme certamente articulada para im

pedir que "o governo pague para ser criticado". Assim, se o filme não chega a atingir o objetivo a que se propôs, deixa pelo menos refrescada a memória de um vasto segmento de nossa opinião pública, encaixado aí o grupo dos intelectuais: Há que buscar caminhos e, como diz a música, "se hace el camino al andar" (J. S. Faro)

### MANTIDA CONDENAÇÃO A JORNALISTAS DO HP

Em decisão que provocou a unânime repulsa da categoria dos jornalistas, o Supremo Tribunal Federal resolveu manter a pena de 2 anos e três meses de prisão para os jornalistas Cláudio Campos, Ricardo Lessa e Pedro de Camargo do jornal *Hora do Povo*, enquadrados no artigo 33 da Lei de Segurança Nacional por terem publicado em seu jornal a informação de que 152 autoridades brasileiras teriam depósitos em bancos da Suíça no montante de 700 milhões de dólares.

### Comunicação internacional

#### TRÊS GRANDES JORNAIS VÃO SOBREVIVENDO

Três grandes e tradicionais jornais, o *Le Monde* da França, o *Times* da Inglaterra e o *Daily News* dos Estados Unidos conseguiram superar suas crises e garantiram sua sobrevivência ameaçada mais ou menos gravemente no início deste ano. O problema do *Le Monde* foi político e não chegou a colocar propriamente em risco a continuação do jornal, embora tenha provocado sérios desgastes em sua imagem. Estava se tornando impossível escolher um novo editor-chefe, em função das divergências ideológicas no interior da redação. Uma solução de compromisso foi arranjada com a escolha de um discreto e equidistante subeditor de Política, André Laurens, que irá substituir provisoriamente o atual editor Jacques Fauvet. Os problemas do *Times* e do *Daily News* eram de ordem econômica e muito mais graves. Ambos estiveram muito ameaçados de pararem suas rotativas definitivamente. Mas soluções de emergência foram encontradas e, pelo menos por enquanto, ambos estão a salvo.

#### ANÚNCIO CLASSIFICADO FAZ SUCESSO EM HANÓI

Os jornais do Vietnã estão publicando cada vez maior número de anúncios classificados. É um dos fatos mais importantes da imprensa vietnamita nos últimos anos. Os jornalistas daquele país consideram natural esta nova prática, encarando-a como mais uma forma de prestar serviços aos seus leitores. Não há intermediários entre os anunciantes e o jornal, os anúncios custam baratíssimo (cerca de 50 cruzeiros a linha) e o sistema tem sido utilizado até pelo Estado para dar publicidade a produtos vendidos por sua rede de distribuição de alimentos.

#### JORNALISTA PRESO POR NÃO REVELAR FONTE

Na Itália, o jornalista Luc Villoresi foi preso por não ter revelado à Polícia a fonte das informações sobre as Brigadas Vermelhas que ele publicou em seu jornal, *La Repubblica* de Roma. Este é o segundo caso do gênero ocorrido na Itália nos últimos três meses e chama a atenção para um dos problemas mais candentes referentes à profissão jornalística em todos os países do mundo. Também nos Estados Unidos a ação policial e judicial sobre jornalistas que não revelam suas fontes tem aumentado substancialmen-

te nos últimos meses. Este tipo de comportamento do Estado merece um estudo mais aprofundado, inclusive tentando estabelecer laços de comparação entre diversos países em que as legislações diferem umas das outras.

## VOZ DA AMÉRICA AUMENTA EMISSÕES PARA AMÉRICA CENTRAL

Segundo o jornal mexicano *El Dia* (19/3/82), os Estados Unidos estão aumentando a frequência e intensidade das emissões radiofônicas da Voz da América para a América Central e Caribe, "a fim de contra-investir em relação à forte propaganda soviética e cubana nessas regiões", de acordo com a justificativa oficial. O custo do aumento das emissões será de cerca de 11,2 milhões de dólares.

## SOLIDARIEDADE TEM RÁDIO CLANDESTINA

Desde o dia 12 de abril está operando em Varsóvia a Rádio Solidariedade, mantida clandestinamente pelo extinto sindicato polonês Solidariedade. A nova rádio, que funciona de forma improvisada, está divulgando boletins em que pretende desmentir informações veiculadas pelos meios de comunicação oficial e incitar a população à resistência contra as ordens do governo do general Jaruzelski.

## PROTESTOS NOS ESTADOS UNIDOS CONTRA OBSCURANTISMO

As obras de vários autores norte-americanos, entre eles Mark Twain, Steinbeck, Hemingway, Norman Mailer, Ginsberg, e ainda as de alguns autores alemães, como Marx e Reich, tem sido vítimas, nos Estados Unidos, de um crescente obscurantismo que já provocou o desaparecimento de vários livros das bibliotecas públicas. Segundo artigo assinado por Berta Sichel e publicado no "Estado" de 8 de abril, dois atos públicos ocorridos nos últimos meses, em Nova Iorque, levaram o tema ao noticiário nacionais das cadeias de televisão e aos jornais que circulam no país. A decisão de realizar as manifestações foi tomada "em protesto ao crescente número de livros retirados das livrarias e escolas públicas". Em 34 diferentes Estados cerca de 150 títulos já foram atingidos pelo conservadorismo de alguns líderes comunitários, o que — segundo Berta Sichel — restringe o direito de livre pensar e tira a capacidade das pessoas de decidirem por si mesmas o que é certo ou não. A provocação obscurantista — um dos últimos suspiros da vaga direitista que levou Reagan ao poder — provocou o surgimento de um grupo de escritores conhecidos como PEN e o início das atividades da organização Right to Read que pretende levar escritores ao maior número possível de comunidades em todo o país, para falarem sobre os livros e os direitos da primeira emenda. Um estudo feito pelo PEN, por exemplo, informa que os pais dos alunos de uma escola do Estado de Washington tentaram, felizmente sem resultados, banir o livro "Admirável Mundo Novo", de Huxley, do currículo escolar, alegando que a obra promovia o uso de drogas, a promiscuidade sexual, "era anticristão e antihumanitário". O "American Heritage Dictionary" foi removido das bibliotecas e dos currículos escolares da cidade de Elson, em Montana, por causa das questionáveis definições de palavras como "bom" "mal" ou "louco". E em Detroit, todo o sistema de bibliotecas públicas banuiu, desde 1976, o livro "O Mágico de Oz", alegando "negativismo" e "uma obra sem valor". Para os intelectuais que protestam contra esses atos trata-se de uma herança direta do conservadorismo puritano que ciclicamente atinge a cultura dos Estados Unidos. Neste caso, grupos conservadores de orientação política e religiosa como "Moral Majority" e

"Plyllis Schlafly's Eagle Forum" foram identificados e denunciados como obscurantistas porque elaboraram uma espécie de "lista negra" de obras que — sem quaisquer considerações — foram acusadas de anti-americanas e obscenas.

## Tecnologia

### DOIS MESES DE VIDEOCASSETE NO BRASIL: AS VENDAS VÃO MAL...

Essa é a conclusão a que chegaram as empresas fabricantes de videocassete no Brasil (Sharp e Sony), após a intensa campanha publicitária que antecedeu o lançamento do primeiro modelo da Sharp. O alto custo do aparelho — que já está valendo Cr\$ 420 mil — acabou por torná-lo proibitivo mesmo a pessoas de alto poder aquisitivo, e o que é pior, a deixá-lo preterido pelos produtos oferecidos pelos contrabandistas. Curiosamente, a publicidade velu-lhes muito pois seus estoques esgotaram-se rapidamente, já que tinham em mãos produtos superiores e a um preço bem mais acessível (perto de Cr\$... 250 mil). O comportamento do mercado consumidor foi, de certa forma imprevisto, pois o ponto alto da campanha da Sharp era "Um VT que pode entrar em sua casa pela porta da frente", mas que em nenhum momento chegou a sensibilizar o comprador. Acreditando em sua legalidade, a Sharp cometeu alguns enganos (propositais ou não) ao desconsiderar o grande volume de aparelhos clandestinos espalhados pelo Brasil (entre 70 e 200 mil). Seja qual for o número correto, a quase que totalidade desses aparelhos de VT foram convertidos do sistema de cor norte-americano (NTSC) para o brasileiro (Pal-M), mas não de forma completa: por economia e facilidades técnica esses videocassetes ficaram num sistema intermediário (chamado N') que permite a gravação de programas "do ar" da televisão brasileira e sua reprodução à cores, além da reprodução, também à cores, de programas gravados no sistema NTSC. Em resumo, uma solução que estava tranquilamente "quebrando o galho" daqueles que investiram num videocassete. Acontece que o equipamento lançado pela Sharp grava no sistema Pal-M puro, e reproduz em Pal-M puro e NTSC à cores. Assim, um programa gravado "do ar" num VT contrabandeado só passa num VT da Sharp em preto e branco, e vice-versa. Se esse é o início de um combate ao contrabando, até que tem sentido o "engano", mas acontece que foi deixada de lado toda a realidade de videocassete no Brasil: todos os videoclubes — principais prestadores de serviços aos videófilos através do empréstimo de filmes em VT — estão trabalhando com cópias, se bem que ilegais, feitas com aparelhos que as gravaram no sistema N'. Assim o comprador de um VT Sharp, num primeiro momento, só tem disponível a assistir à cores tapes gravados no sistema NTSC, isto é, comprados legalmente no mercado norte-americano. Este fato tem feito o possível comprador pensar um pouco melhor antes de fazer a compra, e esperar o lançamento dos outros fabricantes (que prometem seus videocassetes para o final de 82), o que sem dúvida será de suma importância para definir a falência ou não do controvertido sistema N'. Além disso, o videocassete Sharp não é portátil nem possui uma entrada para o acoplamento de uma câmera, o que dificulta em muito o trabalho de gravação de imagens originais. Este trabalho apesar das dificuldades pode ser feito, mas o VT não tem a menor mobilidade, e a câmera necessita de um adaptador especial, que elimina todos os controles do VT que podem ser feitos a partir da própria câmera. Toda essa limitação de utilização não parece ser por acaso: o fabricante lançou um aparelho e sugeriu o seu uso, que se limita à reprodução de tapes pré-gravados e de programas gravados "do ar". Muito pouco para uma tecnologia que teoricamente coloca nas mãos de qualquer um a possibilidade de produzir suas pró-

prias mensagens, e que faz com que alguns autores vejam aí uma possibilidade até revolucionária para as transformações sociais, como é o caso de Alvin Tofler, René Berger ou mesmo Pio Baldelli (ainda que cada um entenda o problema a seu modo). (Luiz Fernando Santoro)

## O VIDEOCASSETE NA EMPRESA

Durante duas tardes, cerca de 150 pessoas — entre empresários, produtores e representantes de entidades governamentais — discutiram as diferentes aplicações do videotape na empresa. O encontro realizou-se no Hotel Maksoud, em São Paulo, e contou com a presença de alguns sócios da INTERCOM como expositores e debatedores: Thomas Farkas, Luiz Fernando Santoro, Sebastião Squirra, Luiz Carlos Freitas e Helena Gold. Vários exemplos práticos foram exibidos, onde o video-tape foi utilizado nas áreas de treinamento, promoção de vendas, documentação de eventos, cursos internos, campanhas de publicidade, etc... Ao final do encontro, ficou claro à todos a viabilidade de qualquer empresa fazer suas próprias produções em vídeo, desde que tenha um equipamento mínimo e pessoal treinado para as realizações. O equipamento de videotape é bem mais viável economicamente do que os de cinema, (principalmente se compararmos o preço do material sensível com a fita magnética) e a perspectiva de que muitas empresas fabricantes de equipamentos eletrônicos entrarão no mercado do videocassete promete uma baixa nos preços. Além do mais, dependendo do uso que se fizer do videotape, a qualidade do material gravado é absolutamente secundária, tornando os aparelhos domésticos aptos a determinadas produções. Tal é o caso de documentações, para uso interno da empresa ou instituição, e produções onde não se requer um trabalho de pós-produção (edição, colocação de músicas ou letreiros, efeitos especiais, etc.) muito sofisticado. Nos casos em que são feitas produções para serem exibidas fora da empresa a solução é apelar para empresas produtoras profissionais, que possuem equipamento com a qualidade necessária e pessoal com "know-how" para programas mais elaborados.

Nos dois casos, o videotape é o principal elemento da produção, diferenciando-se apenas no que diz respeito ao tipo de aparelho utilizando: o VHS (doméstico) para produções mais simples e o U-Matic (profissional, de 3/4 de polegada) para as mais elaboradas. Como o preço do equipamento doméstico é cerca de três vezes menor do que o U-Matic, muitas empresas estão optando por produzir tapes de boa qualidade com equipamentos U-Matic, e em seguida copiando os programas para serem exibidos em aparelhos de videocassete do tipo doméstico. O que se tem pela frente é um vasto elenco de utilizações para o videotape nas empresas e um promissor mercado de trabalho para os profissionais de relações públicas, treinamento de pessoal e comunicação em geral, que têm agora condições de produzir tapes a um custo bastante inferior ao das produtoras de VT e cinema, dentro dos limites de sua empresa ou instituição. Enfim, uma tecnologia apta a produções e exibições, a nível de grupo, que traz para dentro das empresas a manipulação das imagens, antes privilégio daquelas capazes de suportar produções cinematográficas ou das emissoras de TV.

## Gente

### CAETANO VELOSO CAETANEA BEIRANDO OS 40

Quase completando 40 anos de idade, Caetano Veloso é novamente um dos nomes mais populares deste país. Depois de amargar algum tempo de ostracismo, principalmente devido à sua recusa em aceitar os dogmas políticos da "intelligentzia" e os ataques da crítica musical toda-poderosa, Caetano volta a ser capa de revistas semanais, objeto da admiração unânime dos que gostam de música popular, sucesso em todas as rádios e lojas de disco. Popularizou-se tanto que seu nome virou verbo, o verbo "caetanear", criado por Djavan na música do novo Lp de Caetano que mais está tocando nos "hit-parades" de todo o País. Um dos motivos principais para esta volta do endeuamento de Caetano é exatamente seu novo disco *Cores, Nomes*, em que ele abandona as fórmulas comerciais mais fáceis às quais havia se atrlado desde meados de 70 e das quais vinha se libertando paulatinamente em especial de 1979 para cá, dando vazão a toda sua genialidade de poeta, invetividade harmônica de músico. E esta genialidade e esta invetividade, como sempre ocorreu com Caetano, acabam se concretizando em manifestações aparentemente muito simples. É isto que se depreende de todas as faixas de *Cores, Nomes*, mas especialmente em *Ilê-avê*, sua composição em parceria com o filho Moreno. Caetano resolveu também se lançar em mais um ramo da atividade artística: o cinema. Ele está fazendo o papel de Lamartine Babo no filme *Tabu* de Julinho Bresane. E embora continue se negando a exercer qualquer papel de liderança, a influência de seu pensamento é cada vez mais evidente principalmente entre o público da faixa etária dos 15 aos 18 anos. Caetano Veloso, aos 40 anos, volta a ser o "guru" involuntário de uma geração, como o fora em 1967, quando lançou o tropicalismo e introduziu as guitarras elétricas na música popular brasileira.

### A MORTE DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

No final do mês de abril, morreu Sérgio Buarque de Holanda, Historiador dos mais importantes que o Brasil já teve, militante político ativo, fundador do Partido dos Trabalhadores e, afinal, "pai de Chico Buarque de Holanda". Sua morte tornou mais pobre intelectualmente o País, tendo sido lamentada por todo o mundo cultural do País, mesmo pelos que discordavam politicamente de suas posições.

## Geral

### A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NOS MCM

Um breve período de paciência diante do vídeo num domingo à noite é o suficiente para amargar a deformação que se vem dando à ciência, por um veículo de comunicação de penetração nacional. São os nabos recomendados por mentores espirituais favorecendo o emagrecimento rápido, os alimentos afrodisíacos e inafrodisíacos, células de carneiros norte-americanos curando o retardamento infantil, cápsulas mágicas resolvendo definitivamente a depressão e assim por diante.

Como se não bastasse a dose excessiva de sensacionalismo, a maioria das reportagens apresentadas tratam de descobertas fantásticas realizadas nos Estados Unidos. Os caminhos da ciência no Brasil, a sua aplicação nos impasses que o país vive são lançados ao ostracismo. O trabalho realizado dentro dos laboratórios, das Universidades dos insti-

tutos de pesquisa mantêm-se distante da atenção dos pauteiros dos tais programas de audiência comprovada.

Além deste dado, deve-se computar a natureza do serviço que especialmente a televisão e algumas revistas vêm prestando ao seu público — coloca-se um cientista inglês receitando panacéias para os mais distintos males e, em nenhum momento, transporta-se a informação para o caso brasileiro, mostrando o que há de semelhante em termos de realidade, a opinião dos cientistas brasileiros que trabalham na mesma área.

Não é o caso, evidentemente, de nutrir xenofobia pelas informações difundidas por especialistas do exterior. O que se torna duvidosa é a prestação deste serviço. Primeiramente, pela unilateralidade das reportagens, pela ausência da polêmica, pela difusão de verdades relativas. Simultaneamente, a disparidade entre o fato e a realidade nacional, a visão de pessoas que trabalhem o mesmo problema, que tenham as mesmas preocupações, a quem a fato afeta, as conseqüências que pode gerar.

A influência da informações científica sem critérios é marcante e facilmente diagnosticável — o nabo milagroso subiu 100% nas feiras e outros alimentos igualmente vitimados deram tal margem à especulação com os preços que o bolso do consumidor foi ainda mais desfalcado. O uso exagerado de remédios por parte da população pode ser também creditado à veiculação de mensagens aparentemente científicas, mas na realidade, com intenções puramente mercadológicas.

Esses fenômenos logicamente não podem ser atribuídos exclusivamente aos infortúnios que acometem a ciência na TV, mas a toda uma estrutura de legislação complacente, de interesses econômicos e políticos que sobrepujam o interesse pela saúde e salário da população. Todavia, esta população, em grandes maioria pobre, doente, com salários aviltantes, muitas vezes, pelas condições em que vive, é motivada a aderir a formas rápidas, "científicas" e eficazes, segundo demonstram algumas reportagens, de resolver seus problemas.

Dessa forma, a ciência divulgada inescrupulosamente acaba não só prestando um deserviço à comunidade, mas levando-a a incursionar em perigosas crenças e métodos que fogem ao verdadeiro espírito científico.

Por outro lado, verifica-se que a imprensa escrita vem dedicando uma maior espaço e tratamento mais rigoroso à informação científica. No caso das revistas, é flagrante o crescimento das publicações científicas, dirigidas para especialistas das áreas de saúde, exatas e humanas. Contudo, ainda assim, os experimentos ficam circunscritos àqueles que tratam diretamente com o assunto e não a comunidade.

Já os jornais impressos de grande circulação do país começam a alimentar-se do conhecimento científico e é comum encontrar seções específicas do assunto, onde o repórter vai até o cientista, colhe as informações e as modela em linguagem acessível ao grande público. Todavia, até por uma questão de economia das empresas jornalísticas, ainda prevalecem os artigos escritos pelo próprio cientista, que muitas vezes demonstra o domínio de transpor seu conhecimento para um código mais corrente. Entretanto, estes são poucos e abrem um flanco na proteção ao jornalista profissional.

Ainda que o jornalismo científico ensaie sua presença nos jornais, isso acontece em escala insignificante a nível de Brasil. O eixo Rio-São Paulo pode dispor mais facilmente dessas informações não somente pelo poder econômico das empresas que podem deslocar jornalistas para cobrir a área, mas por estarem mais próximos da produção da universidade. A grande maioria dos Estados e mesmo cidades pequenas do sudeste não têm as mesmas possibilidades.

A criação da Agência Brasileira de Divulgação Científica em caráter experimental supre a carência dos pequenos jornais, sem tradição de trabalho com a universidade e

fornece as comunidades menores informações de que elas prescindem. Paralelamente, desempenham um papel de desmistificar a ciência que é despejada diariamente pelos mais diversos veículos. O jornalismo científico, da forma como se processo na ABCD, seria a ponte entre universidade e comunidade que, embora na teoria estejam tão inextrincáveis, na prática ainda estão muito distantes. (Lúcia Araújo)

## Publicações INTERCOM

Cadernos INTERCOM Nº 1

JORNALISMO POPULAR (textos de Carlos Eduardo Lins da Silva, Jeanne Marie e Carlos Alberto de Medina)

Cadernos INTERCOM Nº 2

TELEVISÃO, PODER E CLASSES TRABALHADORAS (textos de José Manuel Morán, Sérgio Mattos, Michel Thiollent, Sérgio Caparelli e Moacir Gadotti)

BOLETIM INTERCOM

publicação bimestral com notícias e análises dos principais acontecimentos do mundo da Comunicação e a bibliografia corrente de Comunicação.

FAÇA O SEU PEDIDO

Cadernos INTERCOM (por unidade) ..... Cr\$ 250,00  
Boletim INTERCOM (por assinatura) ..... Cr\$ 2.000,00

Destaque o pedido abaixo e envie-o para:

Caixa Postal 20.793  
CEP 01000 — São Paulo — SP

Solicito a remessa de:

..... exemplares de Cadernos INTERCOM nº 1

..... exemplares de Cadernos INTERCOM nº 2

Solicito que me incluam entre os assinantes do Boletim INTERCOM   
Por essas solicitações, envio cheque nominal no valor de .....

Nome: .....

Endereço: .....

CEP ..... Cidade. .... Estado .....

**DIRETORIA (Biênio 1981/1983)**

**Presidente:** José Marques de Melo  
**Vice-Presidente:** Anamaria Fadul  
**Tesoureiro:** J. S. Faro  
**Secretário Geral:** Rogério Bastos Cadengue  
**1º Secretário:** Luiz Fernando Santoro  
**2º Secretário:** Roberto Peres Queiroz

**Conselho Fiscal:** Carlos Eduardo Lins da Silva  
Isaac Epstein  
Manolo Morán  
Regina Festa  
Vera Lúcia Rodrigues

**EXPEDIENTE**

Boletim INTERCOM - Ano V - Número 36 - Março/Abril de 1982

**Editor:** Carlos Eduardo Lins da Silva  
**Redatores:** Anamaria Fadul  
Ana Maria de Souza Crippa  
Caio Toledo  
Carlos Eduardo Lins da Silva  
José Marques de Melo  
J. S. Faro  
Lúcia Araújo  
Luiz Fernando Santoro  
Regina Festa

**Produção gráfica:**  
ANSELMO - Assessoria e Artes Gráficas S/C Ltda.  
Rua Assahi, 67 - Rudge Ramos - Fone: 457-3022  
São Bernardo do Campo - São Paulo

É permitida a reprodução de qualquer matéria deste boletim, desde que seja citada a fonte.

Impresso no LAGRI - Laboratório de Artes Gráficas e Processos  
de Impressão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade  
de São Paulo

**TEMAS PRINCIPAIS  
DOS NUMEROS  
ANTERIORES**

1. Comunicação segundo Gramsci e Paulo Freire
2. Comunicação, Comunidade e Imaginário
3. Comunicação, Política e Participação
4. Comunicação, Política e Pesquisa-Ação
5. Comunicação na América Latina
6. Comunicação Alternativa e Cultura Popular
7. Jornalismo Científico e Jornalismo Brasileiro (no prelo)

Revista semestral organizada pelo Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior (São Bernardo do Campo-SP), editada e comercializada pela Cortez Editora.  
Assinatura: Rua Bartira, 387 - 05009 - São Paulo - Brasil.